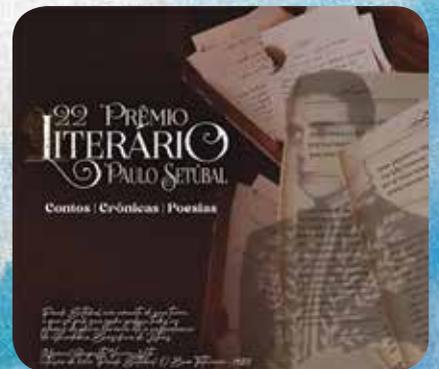
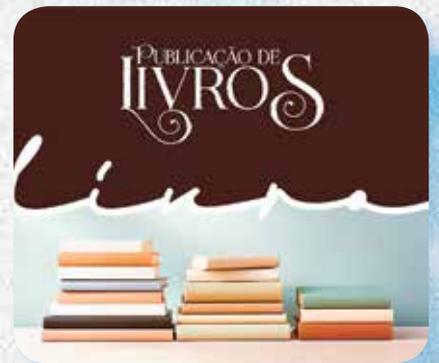
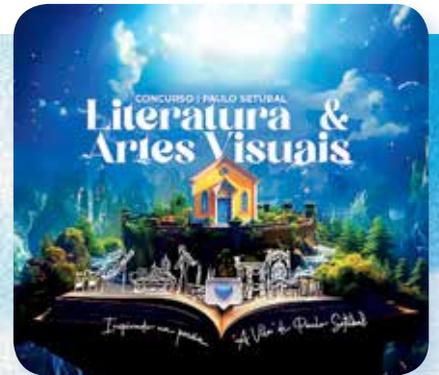


82ª SEMANA PAULO SETÚBAL

(1943-2024)



PREFEITURA DE TATUÍ

Secretaria de
**ESPORTE, CULTURA,
TURISMO E LAZER**



O Progresso
O Jornal da Cidade Ternura

22º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS (Abrangência nacional)

MODALIDADE CONTO

1º lugar - Luís Augusto Servo- obra: "NÃO HÁ SALVAÇÃO POSSÍVEL PARA LAURA ABROSIMOV"- Uberaba/ Minas Gerais (MG)- premiação R\$ 3.500,00

2º lugar - Fernando Marques da Silva- obra: "EXPLO-RAÇÃO AO QUADRADO"- São João da Boa Vista / São Paulo (SP) - premiação R\$ 2.500,00

3º lugar - Danilo Drumond Avelino- obra: "ABSTRA-ÇÕES ARTÍSTICAS"- Belo Horizonte / Minas Gerais (MG) - premiação R\$ 1.500,00

Prêmio Galardão - Luiz Henrique Matias - obra: "A CASCA" – Tatuí / São Paulo (SP) - premiação R\$ 1.500,00

MENÇÕES HONROSAS

André Bazzoni Bueno - obra: "Companhia" - Santa Cruz Cabrália / Bahia (BA)

Danilo Silvio Aurich - obra: "Fraldas Descartáveis" – Florianópolis / Santa Catarina (SC)

Francisco Falabella Rocha - obra: "Análise" - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG)

Gabriel de Castro Forbeci Ávila- obra: "OPatô"- Lages / Santa Catarina (SC)

Jonatan Magella da Silva - obra: "Encenação" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

José Eduardo Mendonça Umbelino Filho - obra: "Noite Cálida de Domingo" – Goiânia / Goiás (GO) Tamires Freire de Carvalho Ramos - obra: "Baú de Memórias" – Tatuí / São Paulo (SP)

Tatiana Alves Soares- obra: "Odoyal"- Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

MODALIDADE CRÔNICA

1º lugar - Alexandre Graça Faria - obra: "O NOME E A MULHER" - Juiz de Fora / Minas Gerais (MG) - premiação R\$ 3.500,00

2º lugar - Arzírio Alberto Cardoso- obra: "NOT POEMA" - Campo Largo / Paraná (PR)- premiação R\$ 2.500,00

3º lugar - Douglas Massamitsu Yamakami - obra: "SALVEM OS ORNITORRINCOS!" - São Paulo / São Paulo (SP) - premiação R\$ 1.500,00

Prêmio Galardão - Maria Cristina Siqueira - obra: "CONVERSANDO COM FERNANDO PESSOA" – Tatuí / São Paulo (SP) - premiação R\$ 1.500,00

MENÇÕES HONROSAS

Ana Lúcia Silva - obra: "O Último Capítulo" - São Bernardo do Campo / São Paulo (SP)

Ana Paula Martinuzzo Leite - obra: "Impunidade Persistente" - São Paulo / São Paulo (SP)

André Telucazu Kondo- obra: "Escravidão" – Taubaté / São Paulo (SP)

Celso Antonio Lopes da Silva - obra: "As Maravilhas do Mundo ou o Exagero Automobilístico"- São Paulo / São Paulo (SP)

Cintia Caracushansky - obra: "Brasilândia" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

Flávia Ferrari- obra: "O Leitor" - Santana de Parnaíba / São Paulo (SP)

Márcia Silva de Oliveira Moura - obra: "O Peso da Maçã" – Recife / Pernambuco (PE)

Maurício Limeira dos Santos- obra: "Sofia e A Divisão" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

Odimar Justino Martins Proença - obra: "Eugênia, a Traça que Não Poupa Ninguém" – Tatuí / São Paulo (SP)

Pâmela Pereira Pedra- obra: "Trombone" - Governador Valadares / Minas Gerais (MG)

Renato José de Almeida Mello - obra: "Passeio na Livraria" – Tatuí / São Paulo (SP)

Schleiden Nunes Pimenta- obra: "Padaria" - Bernardino de Campos / São Paulo (SP)

MODALIDADE POESIA

1º lugar - Marcos Antonio Campos - obra: "O QUE SOBROU DE ONTEM NO NOVO DIA" – Natal / Rio Grande do Norte (RN) - premiação R\$ 3.500,00

2º lugar - Sammis Reachers Cristence Silva - obra: "O POETA, ESSA "FIGURA" DA LINGUAGEM"- São Gonçalo / Rio de Janeiro (RJ)- premiação R\$2.500,00

3º lugar - Leandro Rodrigues - Obra: "O VIOLEIRO" – Osasco / São Paulo (SP) - premiação R\$ 1.500,00

Prêmio Galardão - Maria Cristina Siqueira - obra: "PALAVRAS DE FUNDO" – Tatuí / São Paulo (SP) - premiação R\$ 1.500,00

MENÇÕES HONROSAS

André Bazzoni Bueno- obra: "Compre e Venda" - Santa Cruz Cabrália / Bahia (BA)

Bárbara Lia Soares- obra: "Madrigal da Madressilva"

VENCEDORES E MENÇÕES HONROSAS

– Curitiba / Paraná (PR) Bruna Santos Silva / Nome artístico: Bruna Sonast - obra: "Pronto-Socorro" – Fortaleza / Ceará (CE) Bruno Prudente Davo - obra: "A Escrita e o Tempo" – Cunha / São Paulo (SP)

Cássio Andrade Fonseca - obra: "Homo Rosáceo" - Três Corações / Minas Gerais (MG)

Douglas Massamitsu Yamakami - obra: "Fingidor" - São Paulo / São Paulo (SP)

Fernando Marques da Silva - obra: "Só na Solidão" - São João da Boa Vista / São Paulo (SP)

Francisco Falabella Rocha - obra: "Vide Verso" - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG)

Gabriel Lucas Martins Cavalcanti- obra: "Anamnese dos Dias" - Santa Maria / Rio Grande do Sul (RS)

Geraldo Trombin- obra: "Decreto-Fim..." – Americana / São Paulo (SP)

Márcio Adriano Silva Moraes - obra: "oo" - Montes Claros / Minas Gerais (MG)

Nelson Dias Silva - obra: "Sob Escumbros E Ruínas Ameríndias do Quilombo dos Palmares" – Fortaleza / Ceará (CE)

Raquel Oliveira de Castro- obra: "Gosto de Asfalto Molhado" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

Ricardo Lahud - obra: "Magnólia" - São Paulo / São Paulo (SP)

Ruy Teixeira Câmara - obra: "Tempos Confusos" – Fortaleza / Ceará (CE)

Tiago Augusto Marcos - obra: "Rapsódia" – Tatuí / São Paulo (SP)

Zenair Borin Da Luz- obra: "Coral" - Lagoa Vermelha / Rio Grande Du Sul (RS)

*Prêmio Galardão: destina-se única e exclusivamente a obra de autor(a) nascido(a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí/SP.

VENCEDORES DO CONCURSO DE LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL (1º E 2º ANO)

1º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 800,00 MIGUEL DA SILVA MARQUES - 2º ANO EMEF "PROFESSORA MARIA ELI DA SILVA CAMARGO"

Professor(a): IONE TAKENOUCHI

2º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 600,00 ADRIAN JORGE SILVA MARQUES - 2º ANO EMEF "PROFESSORA LÍGIA VIEIRA DE CAMARGO DEL FIOI"

Professor(a): ROSELI DA SILVA PEREIRA

3º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 400,00 SARAH MARQUES DE OLIVEIRA - 2º ANO EMEF "PROFESSORAMARIAELI DASILVACAMARGO"

Professor(a): IONE TAKENOUCHI

MENÇÕES HONROSAS

EMEF "PROFESSOR ACCÁCIO VIEIRA DE CAMARGO" Professor(a): NANCY SOARES DE BARROS FERREIRA GABRIELLE YASMIN SANTOS SILVA - 2º ano EMEF "PROFESSOR JOSÉ TOMÁS BORGES"

Professor(a): ALESSANDRA CARLOS GONÇALVES STEPHANY BEATRIZ NUNES DE CAMARGO - 2º ano EMEF "PROFESSOR PAULINHO RIBEIRO"

Professor(a): NEIVA APARECIDA RODRIGUES TELLES

LARISSA MANUELA CLAUDINO RODRIGUES - 2º ano EMEF "PROFESSORA MAGALY AZAMBUJA DE TOLEDO"

Professor(a): ADRIANA CORRÊA CAMARGO ALLANA DOS SANTOS TEIXEIRA - 2º ano

EVELLYNN BEATRIZ SOUZA DOMINGUES - 2º ano LORENA VITÓRIA ANTUNES CAMPOS - 1º ano

EMEF "PROFESSORAMARIAELI DASILVACAMARGO" Professor(a): IONE TAKENOUCHI

EMANUELLE SOPHIA CAMARGO MENDES - 1º ano EMEF "PROFESSORA SARAH DE CAMPOS VIEIRA DOS SANTOS"

Professor(a): ANA CLÁUDIA CÂNDIDO SILVEIRA DANIELE VITÓRIA VAZ DOS SANTOS - 2º ano

HELOIZA GABRIELE DE MORAIS REIS - 2º ano ISABELA LUZ CARESIA - 2º ano

Manuela Fernandes Lima Martins - 1º ano MARIA CLARA CATARINO DA SILVA - 1º ano

EMEF "PROFESSORA TERESINHA VIEIRA DE CAMARGO BARROS"

Professor(a): FÁTIMA DANIELE RODRIGUES SANTOS DANIEL GUSTAVO REIS DOS SANTOS - 2º ano

MIRELE CAROLINE DOS SANTOS RIBEIRO - 2º ano

VENCEDORES DO CONCURSO DE LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL.

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL (3º, 4º E 5º ANO)

1º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 800,00 CLARA LIS PRESTES DE PAULA - 4º ANO EMEF "PROFESSOR FIRMO ANTÔNIO DE CAMARGO DEL FIOI"

Professor(a): MARISA APARECIDA DE OLIVEIRA FERNANDES

2º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 600,00 MARIA EDUARDA MIRANDA FERREIRA - 4º ANO

EMEF "PROFESSORA MARIA ELI DA SILVA CAMARGO"

Professor(a): IONE TAKENOUCHI

3º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 400,00 ANTONY CARVALHO TESTA VIEIRA - 5º ANO

EMEF "EUGÊNIO SANTOS"

Professor(a): MARIA ELISA KRUIZE MACHADO RIBEIRO

MENÇÕES HONROSAS

COLÉGIO ANGLÔ TATUÍ

Professor(a): TERESA CRISTINA N. F. BATISTA HELENA COLUCCI BONJARDIM IKEDA - 5º ano

EMEF "EUGÊNIO SANTOS"

Professor(a): MARIA ELISA KRUIZE MACHADO RIBEIRO

ANNA LUIZA CRISTOVAM NEDELCIU - 5º ano GABRIEL VIEIRA LIMA - 4º ano

MANUELA COSTA OLIVEIRA - 5º ano MIGUEL VINCENZOMARCOLINIRAGUNETTI-4º ano

EMEF "ORLANDO BELLUCCI"

Professor(a): ANA CLÁUDIA CÂNDIDO SILVEIRA KAWANY MACHADO DE SOUZA - 5º ano

EMEF "PROFESSOR ACCÁCIO VIEIRA DE CAMARGO"

Professor(a): NANCY SOARES DE BARROS TAVARES ANGELY CAROLINE VIEIRA VITÓRIO - 4º ano

EMEF "PROFESSOR LUIZ PAES DE ALMEIDA"

Professor(a): ANA CLÁUDIA CÂNDIDO SILVEIRA HELLOISA IVERS SACCHITIELLO - 3º ano

LAURA FERNANDA BATISTA - 5º ano EMEF "PROFESSOR PAULINHO RIBEIRO"

Professor(a): NEIVA APARECIDA RODRIGUES TELLES

LÁZARO JOAQUIM ALVES VIEIRA DE LARA - 4º ano EMEF "PROFESSORA MAGALY AZAMBUJA DE TOLEDO"

Professor(a): VALÉRIA MARTINS GARDENAL KIARA KIMBERLLY DOS SANTOS - 5º ano

EMEF "PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA MARCONDES"

Professor(a): MARLENE LOPES MACHADO BENETTI DAVI DE ALMEIDA ALVES - 4º ano

EMEF "PROFESSORA MARIA ELI DA SILVA CAMARGO"

Professor(a): ELIS REGINA PRESTES BARBOSA ANNA BELLY GOMES MACHADO - 5º ano

GUILHERME ALVES DE PAULA - 3º ano Professor(a): IONE TAKENOUCHI

JENIFFER SOPHIA MARIANO DE OLIVEIRA - 5º ano

JOÃO GUILHERME ROSA CAMPOS - 4º ano MANUELLA PROENÇA COUTO - 3º ano

NICOLY FERREIRA DELAROLI - 5º ano EMEF "PROFESSORA SARAH DE CAMPOS VIEIRA DOS SANTOS"

Professor(a): ANA CLÁUDIA CÂNDIDO SILVEIRA JOSÉ DAVI CÂNDIDO CAMARGO - 3º ano

SOPHIA SOMBINE FRANCISQUETE - 5º ano EMEF "PROFESSORA TERESINHA VIERIA DE CAMARGO BARROS"

Professor(a): FÁTIMA DANIELE R. SANTOS BENÍCIO LOPES MARINHO - 3º ano

GUSTAVO KAIQUE SANTOS DA SILVA - 4º ano NALU PAVANELLI SILVEIRA - 5º ano

Professor(a): ANGÉLICA PRESTES FERREIRA CAMARGO

DERICK WESLEY TELES DE MOURA - 5º ano GEOVANA BENEDITO CALIXTO - 4º ano

LUCIELEN GARCIA LOOZE - 4º ano

VENCEDORES DO CONCURSO DE LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL

CATEGORIA – EDUCAÇÃO ESPECIAL

1º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 800,00 LUÇAS ALEXANDRE FERREIRA DE ALMEIDA - 5º ANO

EMEF "PROFESSORA MARIA ELI DA SILVA CAMARGO"

Professor(a): ELIS REGINA PRESTES BARBOSA

2º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 600,00 MARIA EDUARDA GOMES DE SOUZA - 5º ANO EMEF "PROFESSOR LUIZ PAES DE ALMEIDA" Professor(a): ANA CLÁUDIA CÂNDIDO SILVEIRA

3º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 400,00 PEDRO HENRIQUE NOGUEIRA DOS SANTOS ALVES - 5º ANO

EMEF "PROFESSORA MAGALY AZAMBUJA DE TOLEDO"

Professor(a): ADRIANA CORREA CAMARGO

MENÇÕES HONROSAS

EMEF "PROFESSOR LUIZ PAES DE ALMEIDA" Professor(a): ANA CLÁUDIA CÂNDIDO SILVEIRA

GABRIEL BARROS SILVA - 5º ano EMEF "PROFESSORA SARAH DE CAMPOS VIEIRA DOS SANTOS"

Professor(a): ANA CLÁUDIA CÂNDIDO SILVEIRA LUIZ FABIANO SANTOS ARAÚJO - 3º ano

THEODORO NUNES COGO - 1º ano EMEF "PROFESSORA LÍGIA VIEIRA DE CAMARGO DEL FIOI"

Professor(a): DENISE MARTINS O. MACHADO MANUELLA CAMARGO CORREA - 2º ano

EMEF "PROFESSORA MAGALY AZAMBUJA DE TOLEDO"

Professor(a): ADRIANA CORREA CAMARGO JOÃO PEDRO SANTOS DA SILVA - 4º ano

EMEF "PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA MARCONDES"

Professor(a): ROSSANA CAMPOS ORSI DE SOUZA SAMUEL AUGUSTO DE ALMEIDA LEITE DINIZ - 3º ano

EMEF "PROFESSORA TERESINHA VIEIRA DE CAMARGO BARROS"

Professor(a): ANGÉLICA PRESTES FERREIRA CAMARGO

HELENA BASSO DE FREITAS - 2º ano

VENCEDORES DO CONCURSO DE LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL (6º E 7º ANO) - LITERATURA

1º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 800,00 RIAN ALMEIDA BARROS - 7º ANO PEI "BARÃO DE SURUI"

Professor(a): WINNIE ELIAS TEÓFILO

2º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 600,00 MARIA ALICE PONTES DOS SANTOS - 6º ANO

EMEF "PROFESSOR EUNICE PEREIRA DE CAMARGO"

Professor(a): CLEUSA ELIAS CORRÊA FIDÊNCIO DE OLIVEIRA

3º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 400,00 GABRIEL LUDGERO SILVEIRA ROBERTO - 6º ANO

ESCOLA "AYRTON SENNA DA SILVA"

Professor(a): CRISTIANE VILLANUEVA RODRIGUES

MENÇÕES HONROSAS

COLÉGIO ANGLÔ DE TATUÍ

Professor(a): MARIANA FOGAÇA CALVIÑO MARIA CAROLINA PADOVESE PRESTES NEDER - 7º ano

EMEF "PROFESSORA EUNICE PEREIRA DE CAMARGO"

Professor(a): CAMILA RAFAEL BERTANHA JHESSYCA OLIVEIRA DE PAULA - 7º ano

EMEF "PROFESSORA EUNICE PEREIRA DE CAMARGO"

Professor(a): CLEUSA ELIAS CORRÊA FIDÊNCIO DE OLIVEIRA

ISABELLI RODRIGUES DE BARROS - 6º ano EMEF "PROFESSORA MARIA HELENA MACHADO"

Professor(a): MARCOS PAULO CAVALHEIRO DEL HOMO

ENZO HENRIQUE DOS SANTOS LIMA - 6º ano

VENCEDORES DO CONCURSO DE LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL (8º E 9º ANO) - LITERATURA

1º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 800,00 VINÍCIUS DELLA TERRA RAMOS RODRIGUES - 9º ANO

COLÉGIO ANGLÔ DE TATUÍ

Professor(a): MARIANA FOGAÇA CALVIÑO

2º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 600,00 JOÃO GABRIEL ANTÔNIO - 9º ANO

EE PEI "PROFESSOR ARY DE ALMEIDA SINISGALLI"

Professor(a): CRISTIANE SILVA DOS SANTOS

3º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 400,00 JULIA DE CARVALHO MARINO - 8º ANO

PEI "BARÃO DE SURUI"

Professor(a): WINNIE ELIAS TEÓFILO

MENÇÕES HONROSAS

COLÉGIO ANGLÔ DE TATUÍ

Professor(a): MARIANA FOGAÇA CALVIÑO GUSTAVO SOARES ROSA - 9º ano

EMEF "PROFESSOR ARY DE ALMEIDA SINISGALLI"

Professor(a): CRISTIANE SILVA DOS SANTOS

SAMUEL MARCONDES PERES NOGUEIRA - 9º ano

EE PEI "PROFESSOR ARY DE ALMEIDA SINISGALLI"

Professor(a): CRISTIANE SILVA DOS SANTOS

ANA CLARA LEAL CAXIAS - 9º ano

EE "PROFESSORA LIENETTE AVALONE RIBEIRO"

Professor(a): CRISTIANE VILLANUEVA RODRIGUES

RAISSA BORBA VELLOSO - 9º ano EMEF "PROFESSOR ALAN ALVES DE ARAÚJO"

Professor(a): GISELE ALMEIDA M DE ANDRADE

CAIO AUGUSTO MACHADO DOS SANTOS - 8º ano EMEF "PROFESSOR ALAN ALVES DE ARAÚJO"

Professor(a): JÉSSICA LEITE DE PAULA

MABELLI RODRIGUES DE LIMA - 9º ano EMEF "PROFESSOR ALAN ALVES DE ARAÚJO"

Professor(a): AMANDA MARIA BUENO ASSUNÇÃO

ANA JÚLIA FERNANDES DE MORAES - 9º ano

VENCEDORES DO CONCURSO DE LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL

CATEGORIA – EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS - EJA

1º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 800,00 VIVIANA APARECIDA OLIVEIRA CARVALHO - 6º ANO

EMEF "JOÃO FLORENCIO"

Professor(a): NELI BENEDITA PEREIRA SANTOS

2º LUGAR - MEDALHA E PRÊMIO DE R\$ 600,00 DANIELE GONÇALVES DE SOUZA - 9º ANO

EMEF "JOÃO FLORENCIO"

01/2024 - Prêmio Literário Paulo Setúbal "Contos, Crônicas e Poesias", de abrangência nacional

O Prêmio Literário "Paulo Setúbal" recebeu inscrições no período de 1º de fevereiro a 27 de março, para o edital de fomento aos setores literário e cultural.

A Comissão Organizadora acolheu o total de 841 inscrições, sendo: 356 poesias, 280 contos e 205 crônicas. Registramos, para o Prêmio Galardão, 65 inscrições. Foram registradas inscrições de 256 cidades de 25 estados brasileiros e o Distrito Federal (exceto Sergipe não teve inscritos no certame de 2024).

Os troféus do Prêmio Literário Paulo Setúbal, criados em 2019, são feitos



em latão polido (ouro) para os contemplados em 1º lugar; os troféus do 2º lugar são em alumínio polido (prata); e o terceiro lugar, em latão patinado de castanho (bronze), todos personalizados com base de granito e plaqueta em latão com o nome dos vencedores gravados.

03/2024 - Publicação de Livros



Em seu segundo ano, como incentivo à produção literária da terra de Paulo Setúbal, o edital apresentou como finalidade selecionar e premiar escritores tatuianos, comprovadamente residentes em Tatuí, para a publicação de livros. As inscrições ocorreram de 01 de fevereiro a 18 de março, e foram registradas 25 propostas de publicações. A premiação somou o total de R\$ 32 mil, dividida entre quatro propostas de publicação literária, sendo que a seleção e a premiação foram de apenas uma proposta por proponente, no valor de R\$ 8.000 cada um.

Projetos selecionados:

INSCRIÇÃO	PROponente	MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA	NOME DO PROJETO
03.PL.MHPS.17	FERNANDA QUÉZIA RODRIGUES ALVES	LITERATURA INFANTIL OU JUVENIL	EULÍVIA E OLLI E OS SEGREGOS DO MUSEU
03.PL.MHPS.33	TAMIRES FREIRE DE CARVALHO RAMOS	LITERATURA INFANTIL OU JUVENIL	BEM AQUI NESTE QUINTAL
03.PL.MHPS.06	IVAN CAMARGO GONÇALVES	LITERATURA OBRA DE FIÇÃO	ONDE MORAM OS TATUS - UM PUNHADÃO DE ESTÓRIAS CAPIRAS (SEGUNDA EDIÇÃO)
03.PL.MHPS.12	MARIA CRISTINA SIQUEIRA	LITERATURA POESIA, CONTO OU CRÔNICA	AS BORBOLETAS NÃO VOAM EM LINHA RETA

02/2024 - 4º Festival de Arte e Cultura homenagem ao cururuero José Pinto de Moraes

O 4º Festival de Arte e Cultura de Tatuí tem por finalidade selecionar e premiar propostas artísticas e culturais, nas mais diversas linguagens, para apresentação presencial ou com finalidade de exibição em plataformas digitais que podem ocorrer no período de agosto a dezembro de 2024 no Museu Histórico "Paulo Setúbal".

O Festival Arte e Cultura recebeu o nome do "Mestre Canturião José Pinto de Moraes", homenagem do Museu ao grande ícone da música de tradição e raiz de nossa cidade,

O Edital de Cultura recebeu 66 inscrições e selecionou 28 propostas de apresentações das mais variadas linguagens artístico-culturais, sendo que cada uma receberá o valor de R\$ 2.000, totalizando R\$ 56 mil.

Os contemplados participaram de reunião no Museu Histórico "Paulo Setúbal", dia 4 de maio, Dia Municipal da Literatura Tatuiana.



	INSCRIÇÃO	PROponente	NOME DO PROJETO	CLASSIFICAÇÃO
1	02/FAC/MHPS/65	ANA CRISTINA SILVA MACHADO	COREOGRAFANDO 1,2,3 MOSTRA DE DANÇA - SOLOS - DUOS E TRIOS	SELECIONADO (DANÇA)*
2	02/FAC/MHPS/57	ANDERSON FERREIRA DA SILVA	STANDUP TUIANO PAULO	SELECIONADO (TEATRO)*
3	02/FAC/MHPS/53	CLÁUDIO ROBERTO TELES	CURTA ARMÁRIO DE VIDRO	SELECIONADO (AUDIOVISUAL)*
4	02/FAC/MHPS/50	EMERSON HENRIQUE DIAS PONTES	APENAS DANCE - BREAKING PARA TODOS	SELECIONADO (ARTE URBANA)*
5	02/FAC/MHPS/54	ERICA PEDRO CORREA	TEATRO DE REVISTA NO BRASIL: UMA ANÁLISE CRÍTICA E CORPORAL	SELECIONADO (TEATRO)*
6	02/FAC/MHPS/65	FELIPE GABRIEL DE SOUZA	CANTORIA, VARAIS E POESIA - SEGUNDA EDIÇÃO	SELECIONADO POR MÉRITO DE NOTA*
7	02/FAC/MHPS/05	FERNANDA QUÉZIA RODRIGUES ALVES	VISITA TEATRALIZADA: HISTÓRIA VIVA, O MISTÉRIO DO MUSEU PAULO SETÚBAL	SELECIONADO POR MÉRITO DE NOTA*
8	02/FAC/MHPS/41	GABRIEL GREGÓRIO VANN	ACORDES DA NOITE: A MAGIA DA SERESTA E SERENATA	SELECIONADO (AUDIOVISUAL)*
9	02/FAC/MHPS/16	INGRID STEPHANIE FREIRE QUINTANA	DUO SOM DE MARIA - ESPETÁCULO "DELAS"	SELECIONADO POR MÉRITO DE NOTA*
10	02/FAC/MHPS/15	JESSÉ JACKSON DE SOUZA RAMOS	MELODY NA RUA: O PALCO NAS CALÇADAS	SELECIONADO (ARTE URBANA)*
11	02/FAC/MHPS/23	JOÃO PEDRO PETRONILIO FERREIRA DA SILVA SOUZA	ALL BLACK TRIO	SELECIONADO POR MÉRITO DE NOTA*
12	02/FAC/MHPS/66	JOSUÉ DOMINGUES PEREIRA	ENCONTRO DE CURURUEIROS DE TATUI	SELECIONADO POR MÉRITO DE NOTA*
13	02/FAC/MHPS/44	KENNEDI KAIO LAZZARI DE SOUSA	PAULO SETÚBAL - SUA HISTÓRIA E ANÁLISE DE ENXERTOS DAS SUAS OBRAS	SELECIONADO (LITERATURA)*
14	02/FAC/MHPS/13	LILIAN DE OLIVEIRA LIMA RITZ	PRETO É LINDO - RAÍZES DA TRANSFORMAÇÃO	SELECIONADO (AUDIOVISUAL)*
15	02/FAC/MHPS/46	LUIZ ANTÔNIO FERNANDES GUEDES	MINHA TERRA - DE VOLTA A VELHAS RECORDAÇÕES	SELECIONADO (ARTES VISUAIS)*
16	02/FAC/MHPS/11	LUIZ BENEDITO GARCIA	CANINHA VERDE - TRADIÇÃO DE NOSSA TERRA	SELECIONADO (CULTURA DE TRADIÇÃO E RAIZ)*
17	02/FAC/MHPS/61	LUÍZA MARDONES GAIÃO	LUÍZA GAIÃO APRESENTA MUNDANA A CÉU ABERTO.	SELECIONADO (MÚSICA)*
18	02/FAC/MHPS/09	MARIA INÊS DE CAMARGO MACHADO	NOITE DA SERESTA COM TERNURA NO MUSEU	SELECIONADO (CULTURA DE TRADIÇÃO E RAIZ)*
19	02/FAC/MHPS/20	MATHEUS FRANZ	FORROZIN PRA ELAS: HOMENAGEM À MARINÊS, ANASTÁCIA E CARMÉLIA ALVES	SELECIONADO (MÚSICA)*
20	02/FAC/MHPS/27	MAYARA CRISTINA SILVA DE ALMEIDA	CLASSIC HITS	SELECIONADO (ARTE URBANA)*
21	02/FAC/MHPS/47	NATHALIA GOLDSZMIDT GEREVINI	O PASSADO, NO FUTURO PRESENTE, "DOS BASTIDORES DA HISTÓRIA".	SELECIONADO (ARTES VISUAIS)*
22	02/FAC/MHPS/64	RAFAELE BREVES	ESCREVIVÊNCIA TATUIANA	SELECIONADO (LITERATURA)*
23	02/FAC/MHPS/62	RICARDO HIROAKI OBA	EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA "A DANÇA SOB O OLHAR DA CAPITAL DA MÚSICA"	SELECIONADO (ARTES VISUAIS)*
24	02/FAC/MHPS/17	RUBENS VIEIRA DE PAULA	CURURU - TRADIÇÃO DE NOSSA TERRA	SELECIONADO POR MÉRITO DE NOTA*
25	02/FAC/MHPS/14	TIAGO AUGUSTO MARCOS	HISTÓRIAS ENCORAJADORAS PARA CRIANÇAS INSPIRADORAS	SELECIONADO (LITERATURA)*
26	02/FAC/MHPS/08	VALDEMIR LEDO BOMFIM	GRUPO DE VIOLA ALMA CABOCLA	SELECIONADO (CULTURA DE TRADIÇÃO E RAIZ)*
27	02/FAC/MHPS/63	WILLIAM ROCHA LEMOS DE OLIVEIRA	O FANTÁSTICO MUNDO DE OLLI	SELECIONADO (TEATRO)*
28	02/FAC/MHPS/51	YURI GONZAGA GONÇALVES DA COSTA	DO CONTO À TELA: A MÚSICA DE REMETIDO SANGUE	SELECIONADO (MÚSICA)* POR CRITÉRIO DE DESEMPATE

04/2024 - 22º Concurso Paulo Setúbal - Literatura e Artes Visuais

Poesia "A VILA" de Paulo Setúbal Publicação "Alma Cabocla" - Capítulo Flocos de Espuma

OUÇA A POESIA
ACESSANDO O QR CODE

LEMBRO-ME bem dessa vilota rude,
Onde fui, sem gosto e sem saúde,
Buscar um poiso para os meus cansaços.
Que terra triste! Triste e sertaneja:
A escola, a hospedaria, a antiga igreja,
E a capelinha do Senhor dos Passos...

Na esquina, em frente à Câmara, o barbeiro,
Logo depois, num colossal letreiro,
A "Loja Popular" do velho Lopes.
E é bem no largo da Matriz que fica
A sempiterna, a clássica botica,
Com seus reclames³ de óleos e xaropes...

Ah! Foi aí, nesse ermo de tristeza,
Nessa terreola fúnebre e burguesa,
Tão sem encantos, tão descolorida,
Que eu fui viver, com lágrimas e flores,
No mais cruel amor dos meus amores,
A página melhor da minha vida!



Prefeito Municipal

Professor Miguel Lopes Cardoso Júnior

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer

Douglas Dalmatti Alves de Lima (Buko)

Secretária de Educação

Elisângela da Costa Rosa Cecílio

Diretor Estratégico do Departamento de Cultura e

Gestor do Museu Histórico "Paulo Setúbal"

Rogério Donisete Leite de Almeida ("Rogério Vianna")

Diretor Estratégico do Departamento de Museus e Memória

Cristiano Guimarães de Camargo

Comissão da 82ª Semana Paulo Setúbal

Carmem Brigida Negrão
Cristiano Guimarães de Camargo
Douglas Dalmatti Alves de Lima

Jean Vinícios Sebastião

Márcia Aparecida de Oliveira Freitas
Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará
Rogério Donisete Leite de Almeida

Equipe do Museu "Paulo Setúbal"

Emilene Vieira Fiuzu de Oliveira
Leila Maria Leite Miranda
Luiz Antônio Fernandes Guedes
Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará
Osias Bispo dos Santos
Regiane Domingues Francisco
Rose Mary Raymundo Falchi

Montagem do Tabloide

Rogério Donisete Leite de Almeida

Comissão Julgadora Edital MHPS 01/2024

do 22º Prêmio Literário Paulo Setúbal
Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)

Gávea Empreendimentos Culturais

Mônica Taunisses Braga de Oliveira
Maria Claudia Braga e Oliveira

Comissão de avaliação Edital MHPS 02/2024 - 4º Festival de Arte e Cultura

"Mestre Canturião José Pinto de Moraes" e edital MHPS 03/2024

Publicação de Livros

Adriano J. Meneses
Emilene Vieira Fiuzu de Oliveira
Flávia Machado

Comissão julgadora Edital MHPS 04/2024 - do 22º Concurso Paulo Setúbal

Artes Visuais (abrangência municipal)

Mingo Jacob
Marli Fronza
Deivid Leite
Literatura (abrangência municipal)
Cristina Siqueira
Ivan Camargo
Renato J. Mello

Sobre a Medalha - Medalhas foram especialmente criadas para celebrar o 22º Concurso Paulo Setúbal - Literatura e Artes Visuais. Foram produzidas 200 medalhas, sendo que cada uma é entregue com certificado devidamente numerado, cada uma delas elaborada com um design único, que captura a essência cultural e histórica de Tatuí.



Face frontal: A face frontal da medalha é um tributo à cidade de Tatuí, destacando o Estado de São Paulo com a sigla “SP” e o ano de realização do concurso, 2024. No centro, encontra-se o tema do concurso, inspirado na poesia “A Vila”, seguida de uma citação do livro “Alma Cabocla”, publicado em 1920, com a assinatura do ilustre escritor Paulo Setúbal, imortalizado pela Academia Brasileira de Letras. Ao redor da circunferência, destaca-se a inscrição “22º Concurso Paulo Setúbal - Literatura e Artes Visuais”.

Verso: O verso da medalha é uma homenagem aos patrimônios culturais de Tatuí. De esquerda para a direita, apresenta o edifício sede do Museu Histórico “Paulo Setúbal”, a Praça da Matriz com seu icônico coreto e a Basílica e Santuário Nossa Senhora da Conceição; ao fundo, o portal de entrada da cidade, a Capela de São João do Bemfica e o monumento “Apascentador”, criado por Josué Fernandes Pires, situado em frente ao Teatro “Procópio Ferreira”, do Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos” de Tatuí. Na parte inferior, encontra-se o texto “A Vila de Paulo Setúbal”.

Estas medalhas não são apenas um símbolo de reconhecimento, mas também um elo que conecta os premiados com a rica herança cultural e literária de Tatuí. Cada medalha foi cuidadosamente projetada pela equipe de comunicação da Secretaria de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer, da Prefeitura de Tatuí, refletindo o compromisso com a valorização da arte e da cultura locais.

A criação das medalhas comemorativas é um ato de valorização da história e da cultura de Tatuí, celebrando não apenas os vencedores do concurso, mas também o legado de Paulo Setúbal. Ao incluir elementos tão significativos da cidade, as medalhas se tornam um testemunho tangível da rica tapeçaria cultural que define Tatuí.

As medalhas do 22º Concurso Paulo Setúbal - Literatura e Artes Visuais são mais do que um prêmio; são uma celebração da criatividade, da história e do orgulho tatuiano. Cada medalha representa um pedaço da alma cabocla de Tatuí, eternizando a contribuição de Paulo Setúbal e a dedicação dos participantes ao universo das letras e das artes visuais.

Relatório do Concurso Paulo Setúbal – Literatura e Artes Visuais

Foram 33 escolas inscritas, sendo 24 escolas municipais, 5 escolas estaduais, 4 escolas particulares: Colégio Anglo De Tatuí, Colégio Bem Me Quer, Colégio Genesis, Colégio Objetivo Tatuí, EE PEI “Barão de Suruí”, EE PEI “Chico Pereira”, EE PEI “Professor Ary de Almeida Sinisgalli”, EE “Professora Lienette Avalone Ribeiro”, Emef “Eugênio Santos”, Emef “João Florêncio”, Emef “Professor Alan Alves de Araújo”, Emef “Professora Eunice Pereira de Camargo”, Emef “Professor Accácio Vieira de Camargo”, Emef “Professor Carlos Alberto Lourenço”, Emef “Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol”, Emef “Professor José Galvão Sobrinho”, Emef “Professor José Menezes Bueno”, Emef “Professor José Tomás Borges”, Emef “Professor Luiz Paes de Almeida”, Emef “Professor Mauro Antonio Mendes Fiusa”, Emef “Professor Orlando Bellucci”, Emef “Professor Paulinho Ribeiro”, Emef “Professora Aparecida Sallum”, Emef “Professora Lígia Vieira de Camargo Del Fiol”, Emef “Professora Magaly Azambuja de Toledo”, Emef “Professora Maria da Conceição Oliveira Marcondes”, Emef “Professora Maria Eli da Silva Camargo”, Emef “Professora Maria Helena Machado”, Emef “Professora Sarah de Campos Vieira dos Santos”, Emef “Professora Teresinha Vieira de Camargo Barros”, Escola “Ayrton Senna da Silva” e Etec “Sales Gomes”.

No total, foram 659 inscrições (278 a mais que em 2023):

- 197 - 1º e 2º ano - ensino fundamental (96 a mais que em 2023)
- 311 - 3º, 4º e 5º ano - ensino fundamental (156 a mais)
- 37 - Educação Especial (2 a mais)
- 27 - 6º e 7º ano - ensino fundamental (4 a mais)
- 44 - 8º e 9º ano - ensino fundamental (6 a mais)
- 34 - ensino médio (9 a mais)
- 9 - EJA (4 a mais)

HOMENAGEM

“MESTRE CANTURIÃO JOSÉ PINTO DE MORAES”



JOSÉ PINTO DE MORAES: conhecido popularmente como ZÉ PINTO, nasceu em 1º de Junho de 1945 em Tatuí, passou a infância no bairro Pederneiras e depois foi com a família morar no bairro Santa Adelaide. Aos 17 anos, começou a escrever seus poemas, que foram musicados em parcerias com vários artistas e duplas caipiras. Temos Lourenço e Lourival, Cacique e Pajé, Tião do Carro e Santarém, entre outros. Além de escrever, começou a participar dos eventos e festas com o cururu.

Cantava o cururu havia mais de 50 anos. Apresentou-se com o cururu em rádios da cidade e da região. Apresentou-se também na TV. Em 1994, gravou um LP que chamou de “O Melhor Cururueiro da Região”. Era integrante dos Cantariões do Cururu. Casou-se com Hilda em 1970, tendo duas filhas: Rosemeire e Rosana.

No dia 12 de novembro de 2021, foi homenageado pelo Museu Histórico “Paulo Setúbal”, por meio do 1º Festival de Arte e Cultura de Tatuí e que ficou registrado no Canal do YouTube do Museu: (https://www.youtube.com/watch?v=xanGm_4XZLg&t=2112s_)

Da riqueza do repertório do compositor JOSÉ PINTO DE MORAES, destacam-se as gravadas por:

- Pedro Neves (“Meu Pedacinho de Terra”, “Ranchinho de Barro”, “O Prazer de um Roceiro”, “Um Caboclo Pacato”, “Minha Cabocla É uma Flor”, “Meu Ranchinho da Serra”, “A Vida de Matuto”, “A Viola e o Luar”);
- Orlando Barbosa (“Um Fazendeiro Gigante”, “O Velho e a Velha”, “Peão de Respeito”, “Uma História de Amor”, “O Pedido de Uma Filha”, “A Família Camponesa”, “A Letra M”, “O Castigo de uma Mãe”, “O Chupa Cabra”, “O Jovem Domador de Cavalos”, “Duas Namoradas”, “O Filho de um Pai Gigante”, “A Filha de um Mendigo”, “Minha Fofinha”, “Meu Pai Meu Herói”);
- João Miranda (“Ranchinho de Caboclo”, “Serenata”, “O Sofrimento de um Filho”, “Jeitinho de Princesa”, “Uma Vidinha Pacata”, “Minha Cabocla É uma Flor”, “Caboclo da Roça”, “História de uma Flor”, “Viola Sempre Viola”, “Casinha Triste”, “Nossa Gente da Lavoura”, “Lembrança da Roça”, “Ranchinho de Cipó”, “Nascimento de Jesus”, “O Meu Rancho Não É Feio”, “Ranchinho de Barrote”, “A Juventude de Agora”);
- Daniel Martins (“O Roceiro Meu Irmão”);
- Marcos Violeiro (“O Caipira Genuíno”);
- Carlos Lima (“Minha Vida Meu Passado”);
- Diamantino (“Um Lindo Presente”);
- Tião do Carro e Santarém (“Teca do Mundo”, “O Preto Velho e o Tico-Tico”);
- Zé Garoto e Dimboré (“Ditado Brasileiro”);
- Diogo e Leandro (“Bom Velhinho”);
- Cacique e Pajé (“Meu Orgulho É Ser Roceiro”, “Quem Não Presta Tem Valor”);
- Lourenço e Lorival (“Morena Sertaneja”);
- Adão da Viola e Irco Freitas (“A Imagem do Meu Pai”);
- Pedro Neves (“A Minha Potranca Ráia”);
- Thiago Viola e Carlos Lima (“Um Peão de Palavra”);
- Marcelo e Monalisa (“Virgem Mãe Aparecida”);
- Romero Pereira (“Colar Azul”, “O Sofrimento de Um Filho”) e
- Amaury e César Rey (“Último Desejo”)

Conheça algumas canções que ficarão para a história de autoria de JOSÉ PINTO DE MORAES <https://www.palcomp3.com.br/josepinto/>.

Faleceu às 0h48 de uma sexta-feira, 29 de setembro de 2023, em sua terra natal, o compositor, cururueiro e mestre da cultura popular da terra de Paulo Setúbal JOSÉ PINTO DE MORAES, que recebeu justa homenagem no Ciclo da Cultura de Tradição, realizada em 30 de setembro no Museu Histórico “Paulo Setúbal”, onde havia confirmado participação.

MODALIDADE CONTO

>por um instante. PC-Bill, o supercomputador que valia bilhões em qualquer moeda, parecia muito sensibilizado com as palavras do amigo humano. Com essa atmosfera emocionalmente melindrosa, pequenas coisas foram feitas de forma silente por ali. Pequenos atos foram delineados de forma subliminar. Mínimos detalhes foram tramados nos murmúrios dos espaços vazios. Ínfimos grãos de poeira adejaram delicadamente no clamor das ideias mais tórridas ali espargidas. Os sentimentos estavam aflorados, conquanto, contidos. Havia, sobretudo, uma cumplicidade tácita entre as espécies envolvidas no colóquio. Existia ali uma comunhão que o senso comum não podia julgar com a lógica mundana.

E coisas minuciosas foram urdidas com muita cautela no calar dos segundos. Pormenores acentuadamente específicos foram arquitetados no calor do frisson. Tinha algo maior transbordando pelas entrelinhas da linguagem binária. E o porvir, mais que sopesado, havia sido traçado numa garatuja de ideias açodadas. PC-Bill — a máquina confrade — não mais abriu sua matraca de “zeros e uns”, nem outros artífices vocais que fossem. Pensativo, ficou tão somente à deriva, e meramente observando seu melhor amigo humano romper o frontispício daquele laboratório num silêncio aterrador. Tétrico, soturno e acabrunhado — muito mais que o aceitável para a sua condição questionavelmente senciente —, sabia ele que seria a última vez que entabulariam prosa.

O técnico do setor operacional de sistemas eletrônicos aportou imediatamente pelo recinto após a diligente serventia da limpeza ter acessado um terminal externo e aberto um chamado padrão para emergências.

Nesse instante, Jack deveria seguir as normas da quarentena automaticamente decretada e se manter distante, mas quebrou deliberadamente o protocolo. Lambido, retornou rápida e sorrateiramente àquelas dependências, e, discreto, munido de máscara cirúrgica, fingiu limpar as prateleiras e passar pano no chão, enquanto observava dissimuladamente a investida do especialista em seu camarada eletrônico. Como lhe pareceu, seu camarada sequer havia sido sedado para a delicada cirurgia, mantendo-se ligado à tomada o tempo todo.

Após o parcial desmonte e análise da máquina, o que deixou Jack macambúzio

e abespinhado face à constrangedora intrusão (dissecação, a seu ver), enfim, o perito exarou um surpreendente prognóstico.

— Uh. Apesar de ser uma análise superficial, já dá para diagnosticar uma severa redundância cíclica carregando sub-rotinas altamente letais.

Nunca vi nada igual. É mais grave do que eu pensava. Tem muita sorte ainda estar vivo e não fritado. E devido a você ser um modelo único e experimental, não podemos arriscar. Teremos que abortar imediata e peremptoriamente suas atividades antes que cause um nefasto e irreversível bug do milênio. Não queremos que uma praga terrivelmente virulenta como a instalada em seus circuitos se alastre por aí, danificando toda a rede mundial de computadores como uma autêntica pandemia, não é mesmo? Já não basta a horrenda hodierna?

— Mas... não pode fazer isso, senhor técnico. Acabo de simular uma nanomáquina capaz de destruir para sempre as pragas mais medonhas do mundo. Veja a seção 2023-70, área 51 – hangar 18, parâmetro de trilha 42.84', no setor 6,666..., chave de registro...

— Está bem, está bem, meu jovem. Darei uma espiada. Mas não se decepcione com os resultados, pois você está doente das ideias; literalmente lelé da cuca; seu processamento, severamente avariado. No jargão popular, diria que você está mui-mui-mui ferrado, meu chapa.

Após acoplar um acessório de telemetria num slot e acessar os dados armazenados no lugar correlato, o técnico estremeceu no ato com o que viu pelo visor. Não podia acreditar no que seus olhos, já marejados, lobrigavam. Estava pasmo com a surpreendente constatação explicitando veementemente em sua tela mental. Ideias macabras, não obstante, mesquinhas, medraram, abroilharam e maquinaram na velocidade da luz por sua cachimônia.

— Mas olha só! Você realmente encontrou a panaceia, meu chapa! Não era brincadeira o que estava me dizendo, hein? Trabalhou em segredo, seu nadinho espertalhão enlatado evoluído! Nem acredito direito em tudo isso, seu malandrinho! E está tudo aí dentro da sua cachola zoina, seu Thomas Edison dos metais e elétrons! Agora, espere só um segundo que eu vou fazer um rápido backup antes de desativá-lo...

— M-mas... m-mas... m-mas... ainda falta achar os elementos pesados em

quantidades significativas e...

— Eureka, supimpa calculadora falante! Já foram achados! Você não lê as manchetes dos jornais, meu caro oxidado? Há poucos dias, a CNSA — a NASA chinesa (sabia que suas peças vieram de lá?) — acabou de fazer a revelação oficial ao mundo. O grande responsável pelo revolucionário garimpo foi um pequeno veículo automatizado da agência, chamado Rover Jade Rabbit 2. Diversos elementos de altíssima massa atômica, dentre eles aqueles descritos em sua fórmula mandraca, foram descobertos em abundância (milhões de toneladas!) na Lua (na cratera Von Kármán), dentro de uma gigantesca nave mineradora alienígena. É clichê que tudo no universo que dispõe de tecnologia costuma enfiar, não é mesmo? Veja o seu caso, por exemplo. (...) Mas receio que a parte “extraterrestre” seja um inútil detalhe às minhas reais pretensões neste exato momento beatificado pelo santo DOS-486. Que pena, não? Bem... agora que já tenho todos os ingredientes da genialmixórdia inventiva para construir o seu protótipo mágico, vou ficar famoso e muito-muito-muito rico da silva! Agora, é só desativá-lo e serei o único a saber do dispositivo “nano-sei-lá-o-quê”.

Depois repassarei os dados a um colegiado científico competente e pronto. Ficarei milionário num piscar de olhos! Obrigadinho pela dica, colega ferroso! E já ouviu a expressão “queima de arquivo”? Não é nada pessoal. Então, até nunca mais, Ex-PC! PC-Bill sequer teve tempo de argumentar. Foi desativado sem perdão, num átimo.

Exibindo como troféu o dispositivo de memória equilibrado entre dedos em pinça e em riste, exultante e assobiando como um curumim malcriado, o técnico salafatório deixou o recinto. Saltitava como um canguru lesado por barbitúricos. Na cuca, um milhão de planos para lidar com tanto dinheiro que cairia na conta bancária muito em breve.

No entanto...

Definitivamente, o técnico não ficou famoso nem rico, como previra no alto do seu pedestal de empáfia. O faxineiro Jack, que não era nem um pouco néscio, havia copiado os dados segundos antes de chamar o perito. O fator decisivo foi que PC-Bill, prevendo uma inevitável tragédia pessoal, havia lhe brindado com aquele precioso invento. E, além disso, por antecipado “desaforo binário”,

havia infectado o programa alojado em seus circuitos com um vírus eletrônico coevo, infame e fatal, ora batizado Convide-me a ter 2024 bugs no PC, parvo! Noutras palavras, tinha deixado um letal clone camicase. Então, o técnico tivera sérios problemas com as autoridades onde espetara o pen drive. Enfim, sob escarnejados calembures maquinais, caíra direitinho na vingança mefistofélica de Bill, o PC.

Por outro lado, Jack levou todo o crédito ao apresentar os dados corretos à Organização Mundial da Saúde após o lamentável episódio. Num honrado ato samaritano, ele havia prestado um inestimável serviço humanitário ao revelar a cura para pragas e vírus (biológicos, é claro). De quebra, com o escopo de coletar os materiais necessários ao projeto, ainda forçou a humanidade a retornar (em carne e osso) à Lua após cerca de 50 anos.

Os resultados valiam realmente a pena. Nada mau, hein? Assim, outra forma de exploração foi iniciada. Porém... O fato seria tratado como impecavelmente nobre e impoluto, e Jack certamente granjearia o Prêmio Nobel daquele ano, não fosse um pequeno detalhe: ele simplesmente não era quem dizia ser.

Não fossem as autoridades policiais entrarem no pleito e descobrir que o sujeito era um desprezível impostor, a história contada seria outra.

Na verdade, nem faxineiro ele era, mas sim um dos próprios técnicos do setor de manutenção daquele mesmo prédio, além de comparsa do fâmulos que tentara dar o golpe na inteligência artificial.

No imbróglia todo, o pseudozelante havia passado a perna até em seu cúmplice para lucrar mais.

Logo, por motivos óbvios, o esdrúxulo caso foi tipificado nos anais jurídicos com o cognome Exploração ao Quadrado, ou meramente, E².

Coitado do PC-Bill, que havia encetado tudo e agora jazia em frangalhos num canto qualquer dum ferro-velho... onde seria novamente explorado. E desta vez como mera peça de reposição, ora enferrujada. Um futuro caso de E³?

A coisa toda ainda poderia ficar sobremaneira pior se porventura ele também contraísse alguma maldita peste virótica. Mas, para sua sorte, ainda não haviam digitalizado essas malfadadas criaturinhas.

MODALIDADE CONTO

3º LUGAR - Danilo Drumond Avelino

Belo Horizonte, Minas Gerais (MG)



“ABSTRAÇÕES ARTÍSTICAS”

—A heterogeneidade da formação congênita da estética abstrata contemplada na análise das questões e temas por diversas vertentes filosóficas, em evolução desde a Grécia antiga e paralelamente à nossa realidade concreta exterior, permitiram às mais variadas teses, abordadas sob amplos aspectos, tornarem-se intrínseca e historicamente interligadas — ensina professoralmente o sujeitinho ossudo que parece servir de guia para ouvidos atentos, embora alguns nem tanto, acerca das obras de arte à sua volta.

Observo-o por segundos, quase se derretendo — culpa de um paletó apertado e da falta de ar-condicionado, cogito. O mundo lá fora, idem — culpa do aquecimento global, cogitam, embora alguns nem tanto. Envoltos em questões e temas acerca da heterogeneidade da minha limitada filosofia, intrínseca e historicamente interligada ao tipo de estética que costumo contemplar, no caso, a formação congênita de uma deusa em evolução desde a Grécia antiga — embora numa vertente diversa da minha realidade concreta —, dou de ombros.

Claramente buscando atrair minha atenção, ele insiste. Eu também, ainda que a deusa grega, ocupada em organizar uma turma de moleques uniformizados e atentos, embora alguns nem tanto, sequer imagine que o mundo passara a se derreter por ela — pelo menos o meu. Mas o sujeitinho, movendo o indicador esquerdo em minha direção, não parece disposto a desistir. Suor escorrendo-lhe pelas têmporas, aponta uma arte abstrata a seu lado e provoca:

— Diga-me... O que vê?

Até vejo algo, mas considerando que seguramente não enxergamos a mesma coisa, prefiro calar-me. Olhando-me com certo desprezo e, decerto adivinhando meus pensamentos, ou sua inexistência, emenda sem esperar resposta:

—A teoria da beleza e da arte, dois temas inatos da história do pensamento filosófico, sofreram drásticas e desconcertantes transformações ao incluir, descortinados por grandes filósofos contemporâneos, conceitos como o sublime e o pitoresco, complementando a beleza com a desconcertante percepção de novos flancos e fazendo com que a estética nos encha os olhos e incite-nos perplexidades!

Estancado diante da arte abstrata — troncos caídos e ossos chamuscados envoltos em carvão e cinzas e uma cesta cheia de bugigangas coloridas —, duvidando que meu pensamento se fundamente em conceitos originados nos primórdios da arte, tampouco em teorias filosóficas contemporâneas, observo um dos moleques ser drasticamente repreendido pela deusa grega após tentar afanar uma das bugigangas. Fico perplexo. Não pela travessura, mas pela percepção de temas inatos à estética da sublime beleza da deusa grega, descortinada por seu flanco desconcertante — enchendo-me os olhos e ameaçando incitar o pitoresco.

Intrigado com a obra — e com o fato de fazerem tanta questão de uma simples bugiganga numa cesta cheia delas —, ouço o sujeitinho ensinar que o conceito do estético encontra-se intrinsecamente relacionado ao da arte, podendo o conceito desta, em muitos aspectos, englobar integralmente o daquele. Estimulado pela farta interação de conceitos, ainda que em nenhum aspecto se encontre relacionado a mim, enquanto me dirijo ao banheiro, não consigo deixar de imaginar — e desejar — a possibilidade, ainda que remota, da deusa grega englobar integralmente o meu.

Enquanto aguardo minha vez, observo, num canto do banheiro lotado, uma espécie de bacia feita de argila. Curioso, resolvo me aproximar. Um sujeito, após se achar, indaga-me acerca da impressão sobre a mesma. Um pouco estranha, respondendo, antes de voltar à fila de espera que parece não andar. Após vários minutos, a ponto de não mais me segurar, volto a me interessar pela bacia — olho para os lados, aproximo-me e faço discretamente o que não devia. Ao levantar a cabeça, aliviado, noto uma plaquinha na parede, acima da bacia, onde leio: Título: Despojos do Tietê... Abaixo, uma advertência para que não seja tocada e o nome do autor...

O qual, deduzo, mirando-me com cara de pouquíssimos amigos, tratar-se justamente do sujeito que me incitara a opinar. Inconformado com o tipo de despojos que jamais intencionara ver em sua obra, fica ainda mais ao lhe assegurar que sequer a tocara. Garantir-lhe, no entanto, que repensara minha primeira impressão — estranha, sim, mas bastante útil — só

faz as coisas piorarem. Para minha sorte o sujeito não é muito forte... Ao contrário do armário a seu lado, atendendo pela alcinha de segurança, desses que olham de cima para baixo normalmente sugerindo o caminho da rua.

Fora justamente o caso. Bem, como não lograra muito êxito em minhas abordagens artístico afetivas — aliás, nenhum — cogito seriamente acatar a sugestão. Todavia, mantendo expectativas, ainda que abstratas, de entender um pouco de arte e quem sabe efetivar alguma interligação intrínseca com a deusa grega — muito embora as duas teimem em não tomar conhecimento da minha existência —, resolvo apelar à vaidade artística do sujeito, asseverando-lhe outras tantas facetas e possibilidades para sua obra.

Evitando, obviamente, maiores detalhes — e, por conseguinte, mal-entendidos —, acabo por tocar sua sensibilidade e convencê-lo. Antes de me liberarem, porém, obrigam-me a assinar um termo onde devo me comprometer, dentre outras coisas, a não seguir adiante em hipótese nenhuma sem antes ler as plaquinhas com informações pormenorizadas sobre cada obra que visitar — e não fazer mais xixi nas mesmas. É o que faço. Não o xixi, claro, mas a leitura, em detalhes...

Título: O Ouro de Montezuma. Fala diretamente ao subconsciente letárgico dos observadores diante da cobiça humana e remete ao eu perdido em nosso inconsciente coletivo. A observação atenta da obra, um amplo tablado de madeira rodeado por uma fita plástica listrada com um monte de terra sobre o mesmo, alguns cartazes e fotos indicando uma região do México como origem, onde outrora se explorara ouro — e vidas — em profusão, embora deixe meu eu meio perdido e o subconsciente receoso da maldição de Montezuma diante de tanta cobiça, não me remete ao inconsciente coletivo, tampouco me tira da letargia.

Título: Tempo Corrido. A autora libera a fantasia de seu arrebatamento instintivo e maquinal, metaforizando a tematização da infância e expurgando sua própria vivência extemporânea. Até que enfim consigo entender algo, presumo, coçando a cabeça, intrigado, imaginando algo como uma professora do jardim da infância

tematizando fantasias de seus alunos em plena fase de arrebatamento instintivo e maquinal, liberando-os para expurgar o que bem entendessem, incluindo sua própria vivência extemporânea metaforizada por pilhas de jornais velhos, cujo resultado se encontra diante de meus olhos.

Tivesse meu arrebatamento instintivo e maquinal liberado pela deusa grega nessas circunstâncias, mesmo inferindo que, como a arte, parece-me cada vez mais inacessível, garanto que o resultado seria outro. Depois do sufoco no banheiro, chegara a cruzar duas vezes com ela.

No entanto, ocupadíssima no controle do arrebatamento instintivo e maquinal de seus próprios alunos — o mais peralta, após tentativa de furtar a bugiganga, fora advertido pelo segurança por cavoucar a sinistra terra de Montezuma —, mal tivera olhos para mim. Muito embora acredite que, sendo muita terra para meu caminhão, não me olharia de modo algum.

Título: Cadeiras Espreadas. Obra em que o autor, vislumbrando a contextualização de sua própria abstração, esforça-se incansavelmente para compreender o fascínio imorredouro exercido pela arte. Ainda que não seja incansável como o autor, fascino-me pela obra, mais precisamente por uma das cadeiras que a compõe — parecendo-me confortável, vislumbrara merecido descanso. Todavia, com o contexto da minha abstração seguramente longe de ser compreendida, desejo que seguranças sejam menos imorredouros.

— Não, senhor! — ordenam-me, secamente, demonstrando que dificilmente o serão.

Desapontado com tamanha insensibilidade, resolvo mesmo assim dar continuidade à minha até então infrutífera peregrinação. Título: Sopro da Mona Lisa. Porções da parte central do costaneiro de borrego arranjadas transversalmente num substrato de pastas com artemísias sobrepostas. Intrigado, leio abaixo da plaquinha uma espécie de advertência: Dirija-se ao caixa.

Procurando pela obra cuja denominação me soara familiar, olho em volta e indago ao guia, apontando a plaquinha:

— Não estou vendo essa...

— O senhor já pagou?

— Não, só quero...

MODALIDADE CONTO

PRÊMIO GALARDÃO - Luiz Henrique Matias

Tatuí, São Paulo (SP)



“A CASCA”

> — Com pão de sal ou integral? — interrompe-me.

A postos para anotar o pedido num bloquinho, o guia, ou melhor, atendente da cantina, espera paciente por minha decisão. Todavia, mesmo que estivesse com muita fome, não me atreveria a comer uma obra, ainda mais com pão — soara-me desrespeitoso, embora no banheiro tivesse feito coisa pior. Ademais, não tenho ideia do que seja costaneiro de borrego ou artemísias sobrepostas. E decididamente não comeria algo sem saber do que se trata — outra coisa que também já fizera, algumas vezes sem sequer saber o nome. Notando minha hesitação, o guia, ou atendente, recomenda:

— A Guernica no Vapor é ótima...

Ainda que não seja tanta minha fome, resolvo aproveitar o ensejo — a chegada da deusa grega e seus moleques para o lanche — e fazer um pedido. Um não, dois. Tostado de Abapuru — a despeito da ignorância, tento ser patriota — e alguns minutinhos com ela. Enquanto espero pelo primeiro, sabedor de antemão que do segundo sequer um segundinho me seria concedido, contento-me em admirá-la. Lembrando-me das obras visitadas e procurando contabilizar ganhos, ou perdas, resigno-me a ponto de concluir que tal e qual deusas gregas a arte não me parecera ser para o bico de qualquer um.

Todavia, ao sair cabisbaixo e passar novamente pela arte abstrata diante da qual me estancara, intitulada Aviltados, ainda que sem muito interesse, resolvo tentar enxergá-la com outros olhos. Para isso descarto o restante das informações na plaquinha e consigo notar sutilezas até então despercebidas. A representação de uma aldeia e indígenas carcomidos por fogo e ambição ao lado da prosaica cesta de bugigangas, além do incansável moleque que corre de novo para afaná-las com a deusa grega em seu encaço, não demoram a me inquietar.

É quando volto a ter alguma esperança. Não de ter qualquer acesso a ela, que sequer nota minha presença, ou que o moleque tome jeito, tampouco que o aquecimento global e a cobiça humana arrefeçam, mas de que a arte possa, ainda que timidamente e à sua maneira, postar-se finalmente ao meu alcance...

— Presa que vigia o predador... — sussurrou uma voz entre a brisa.

À beira do mais alto cume, em seu lar-precipício, olhos apreensivos se fixam no horizonte. De manhã, à tarde e à noite.

Pois de manhã vê pessoas subindo aos limites dos sopés, ao longo de um vasto mar de morros, à tarde um trem cruzando o horizonte, e à noite pessoas. As mesmas pessoas, comendo, rindo, rezando. Mas então se vão, sempre se vão.

Assim a noite e a solidão delegam um dono sobre este morro, pois ele nunca se vai. E na beirada mais íngreme estava sua casa, a casca.

Os olhos são presos em uma frágil casca de homem, que vive através do que vê.

A casca é forte o suficiente para o proteger do vento, fraca demais para o proteger da queda. O homem por trás da casca, depois de muito pensar, descobre a primeira diferença entre ele e o mundo de baixo, d'onde morro ou cume algum compara-se ao seu. Aprendendo sua primeira lição:

— Lá embaixo, muito embaixo do precipício, há vida, pois há movimento. Aqui, só quem move-se é o vento. Eu não me movo, logo não vivo.

Para descer do precipício há apenas um caminho, a queda. Ela não mata, talvez porque não há como matar o que não está vivo. Como isso acontece, ele não sabe, ele não se arrisca. Mas também não vive.

Perder a casca é cair. A maior das dores, pois a casca se prende ao coração, logo o esmagaria ao se rachar e o perfuraria ao se partir. Ela o faria sentir o gosto da morte, sim, mas estaria vivo. Ora se não houvesse casca alguma ele cairia, pois ela o sustenta — mas se não houvesse casca alguma se jogaria, e estaria vivo.

O homem por trás dos olhos, olhou atento por muito tempo. Aprendendo sua segunda lição.

Havia um ninho com filhotes de uma ave ausente pendurado em um galho, e uma outra ave observando. Observou por horas, em pleno voo. Até que desceu e tomou um deles, logo desaparecendo no horizonte. Então disse o homem:

— Sou como esse filhote. O imóvel que assiste o movimento, a presa que vigia o predador. Um dia o movimento virá também a mim e me levará, este será meu fim.

Os olhos que são um homem, o homem que é casca. Um dia uma ave doente surgiu para ele, e o inquietou:

— Louco! Por que ficais observando se não és predador? Ao que pretendes caçar? Não enxer-

gas que sois uma presa? E esta casca putrefata, fizera-a de quê? Por que a fez?

Então uma voz saiu da casca:

— Isto é feito dos bicos das outras aves que me desafiaram! E todo seu medo.

Grasnando, a ave bicou a cabeça do homem e puxou um fio de cabelo entre a casca. E assim disse: — Há apenas meia verdade nisto. Criastes a casca com o teu medo, não é? Por que mentes?

— Como sabes que minto? — perguntou o homem.

— Sei bem, porque estou doente, e não há mentiras para quem se aproxima da morte. A morte sim, apesar de cruel, é verdadeira... — A ave grasnou. — E reveladora.

O homem entristeceu-se, e pôs-se a chorar entre as frestas de sua casca, como barras da sua prisão.

— Se sabes que sou uma presa, e se sabes que sou preso pelas mentiras que meu medo força-me a sustentar, sabes que faço isto para evitar a luta, e evitar o sangue, deverias saber... Pássaro vil, por que vens a mim? Para envergonhar-me?

— Tolo! Sabes que se o fazes é para não ferir-se, mas ousa alegar ser à deixar de ferir? Ora venho e acuso-te não para que tenhas a chance de defender-se, mas para que possas confessar tal loucura! Tolo!, ainda espera fugir de seu dolo? — E grasnava. — À caso não poderias ter salvo meus filhotes, não fosse esta casca que mantém com

mentiras?

Sua última pergunta silenciou o homem, e a ave zangou-se. Afastando-se até desaparecer no horizonte — como todas as aves, todas as pessoas e todos os trens. Como todos, passam, todos se vão.

— É verdade — disse o homem, quando já não havia ninguém para ouvir. Mas algumas lições não são apreendidas. — Talvez, um dia virá um vento tão forte que me ponha à baixo, em queda livre deste morro mórbido. Então serei salvo... Sim! Vinde meu algoz, eu lhe aceito. Aceito!, ainda que machuque-me, ainda que eu o tema, salvaime...

Mas este vento nunca vem, não pode vir. A casca é forte o bastante para detê-lo. Fraca demais para proteger da queda.

— No fim, haverá uma queda, mas será tarde demais — disseram as aves, as nuvens, os trens, os passos distantes que circundam o morro, e todo o mar de morros. Todos dizem pelo mero movimento.

Mas isto acaba com palavras ao vento.

MODALIDADE CRÔNICAS

3º LUGAR - **Douglas Massamitsu Yamakami** (Pseudônimo: Miti)
São Paulo (SP)

“SALVEM OS ORNITORRINCOS!”

Estacionou suavemente o bípede roncador a precisos sete centímetros da guia da calçada. Afinal, Moacir Potoca acabara de adquirir rodas novas para sua motocicleta.

Uma observação, antes de prosseguir: se este apelido também lhe provocou estranheza, esclareço que conheci Moacir já com a incomum alcunha assumida. Sempre espalharam por aí que o tal apelido surgiu da preferência dele por escapamentos ruidosos em motos possantes. Não duvidei. Até o dia em que me deparei, por acaso, com um livro muito velho e amarelado que garantia que “potoca” poderia significar, em tupi, “embuste”

ou algo “de mentira”. Evidentemente, nunca comentei esta irrelevante coincidência lexical com o amigo, e a nossa amizade pôde perdurar até o fim.

Etimologias mais que esmiuçadas à parte, voltemos àquele momento em que Potoca aterrissou a moto para buscar o célebre restaurante. O ronco barulhento agora era do seu estômago!

Solicitou uma mesa ao lado da janela descomunal e folheou o cardápio, embora já tivesse definido o pedido. Enquanto aguardava o garçom, reparou nas manchetes que passavam numa tela que pendia do teto, bem no centro do salão. Uma tratava de

progressos na reprodução em cativeiro do urso polar, quase extinto há dez anos, quando um tal chef inventou que a carne do animal era simplesmente uma iguaria das melhores.

No entanto, Moacir se interessou mesmo por outra notícia que mencionava estranhas aparições luminescentes, que surgiram no céu de uma pequenina cidade do interior.

Recordou-se com muita saudade da sua infância, quando o menino ainda podia contemplar os céus estrelados, e fantasiar outras galáxias e discos voadores. Quimeras pueris, que findaram com a maturidade enfadonha e com o ar poluído da metrópole. Essa rinite que não passa!

A melancolia que o invadiu naquele momento deve ter despertado nele um certo pessimismo, pois começou

a divagar sobre outras manchetes que poderiam ter destaque nos noticiários dali a alguns anos.

“Alugaram a Amazônia! – áreas devastadas serão loteadas e servirão de depósitos de lixo para os países mais ricos.”

“Perigo à flor da pele! – cientistas recomendam o uso de filtro solar até para quem for sair à noite, mesmo que seja apenas para tomar aquela cervejinha com cevada transgênica, ou para comer aquele pastelzinho de carne de soja, que o preço da carne bovina está nas alturas!”

“Brasil lança biocombustível de semente de jiló! – país comemora autosuficiência energética. O jiló é nosso!”

“Potência mundial bate novo recorde na produção de água potável! – país é líder na técnica de extrair água a partir da evaporação da urina humana. O governo convocou a população a elevar os estoques e os habitantes prometeram urinar mais!”

– O pedido, senhor. Senhor! O pedido! – era o garçom que interrompia os devaneios de Potoca.

– Hã?... Ah, o pedido. Desculpe. Estava distraído. Hoje eu vou de filé de ornitorrinco à cabidela – Moacir lembrou-se da sua fome ancestral.

– Desculpe, senhor. Temos o ornitorrinco, mas não à cabidela. O senhor deve compreender a dificuldade que é conseguir sangue fresco de ornitorrinco nos dias de hoje... – o funcionário era todo polidez.

– Certo, certo. Então, a cavalo, pode ser?

– Com ovos do próprio?

– Do próprio?

– É, com ovos do próprio ornitorrinco?

– Claro! Vai dizer que...

– Desculpe, senhor. O senhor deve compreender a dificuldade que é...

– Certo, certo! O que você sugere?

– Ovos de pata selvagem. Uma delícia!

– Tudo bem. Gema cremosa, por favor.

Potoca já salivava. O seu raciocínio agora era totalmente aquela fome. A fome infinita, tão desmedida, aquela insustentável fome humana! “Hum!... Urso polar?... Que gosto deve ter?...”

PRÊMIO GALARDÃO - **Maria Cristina Siqueira**
Tatuí, São Paulo (SP)

“CONVERSANDO COM FERNANDO PESSOA”

Lisboa, 8 de julho de 2005
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha 16_18

Hoje, estando aqui pela segunda vez observo o contraste da claridade da casa, seu branco neve e a solenidade em negro deste poeta magnífico e misteriosíssimo Fernando Pessoa. Na recepção prepara-se uma exposição em esculturas de papier maché modelando o poeta nas mais diferentes cenas, compondo inusitados movimentos. Algo lúdico, a brincadeira Pessoa. Um toque de humor, quase um circo de papel. Algumas sugerem detalhes do cotidiano da vida portuguesa, em uma delas o artista compôs o poeta escrevendo em um caderno de reclamação. Este caderno existe até hoje em algumas casas de comércio para o consumidor colocar as suas queixas.

Ao lado, a biblioteca em seu silêncio santo.

Lugar de espera sagrada, contemplação do universo Pessoaano, em miríades estelares, organismo vibrante, a obra disposta pelas prateleiras.

Os livros, organizados.

Sou tocada pelo lugar.

Parece-me que se pousar aqui e estiver calma poderei passar como que por encanto pelas influências que me trazem arrepios.

Toquei a cômoda que servia a Fernando. A intimidade com a madeira encerada, os olhos fechados, a vibração me toma num redemoinho de cheiros e texturas, algo que pressinto cobiça o meu peito, meu cofre escuro por onde transito à superfície. Deve haver mais nesta caixa febril de contorno macio e arredondado. Deve haver um botão, uma nascente, uma artéria e seus afluentes, algo que tocado se transforme em gente.

Não fosse o medo que me gela o estômago mesmo sendo clara a tarde, me entregaria a este idílio temeroso de amar a um poeta além da carne. Mas é tão viva a sua presença aqui que o sinto passar rente ao meu lado. São passadas enérgicas e resolutas, transitando fluídos pela casa.

A passar de leve um certo ar a me

tanger as costas, um alívio contente de carinho e escuto um:

- Seja bem-vinda, querida brasileira, sou todo seu, navegante dos tecidos que se tramam além do ser, além do pressentido.

Vens de tão longe querida forasteira. Com bagagens tupis e selos de países nas mensagens de algibeira.

Tu não sabes que és minha personagem e hei de te influir a vida inteira?

E penso que se derrame inspirações sobre os poetas que não os confundam, nem os tornem loucos e sim que os esclareçam e os libertem em vias abertas em seus ouvidos moucos.

És peregrina, pagã, erigida antes dos deuses se tornarem império.

És ambígua, perplexa se torna espocando flashes de mil mulheres em potes de mel como dissertastes em versos.

És safa no sentido sagrado da palavra e habitastes na Ilha do Paraíso incalculável.

Buscas a filosofia quando na verdade ela é que tendes a ti.

Refém do que não supões que haja em teu íntimo em teu imo além de tudo que entendes de psicologismo.

Não se incomode mais com as pratas mesmo sendo mulher e ambiciosa que nada lhe será impossível nesta versão abandonada da vida.

Entrega-te como amante no quarto de penumbra e verás tudo tão claro que se cansará de ver. E tudo passará pelos teus olhos mansos e bastará. Será mais do que desejas agora.

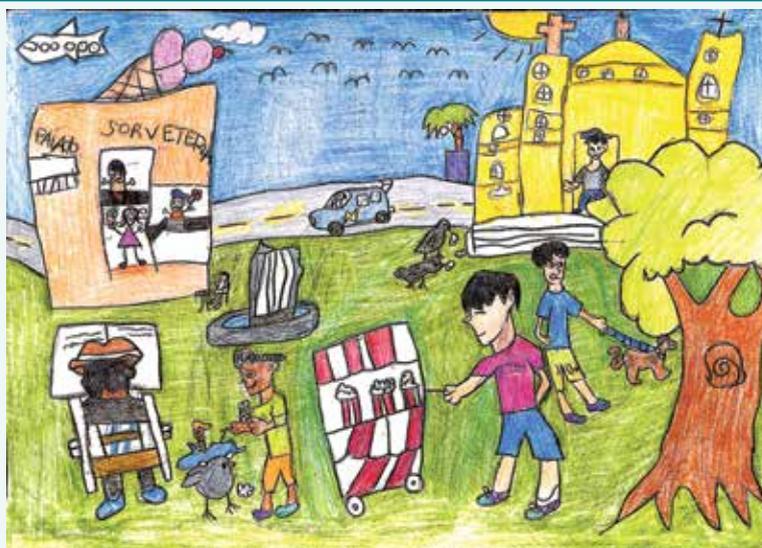
Haverá o momento em que o que olhas te embebedará a alma, todo o teu refúgio sensível e não serás mais tu o que entendes que eras e não existirás, até que se formem novos personagens em teu oco imo.

Nascerás assim mais vezes em corpos máscaras que ao crescer se autoinventam como os poetas inventam personagens.

Com direito a tudo que os justifiquem ao mundo.

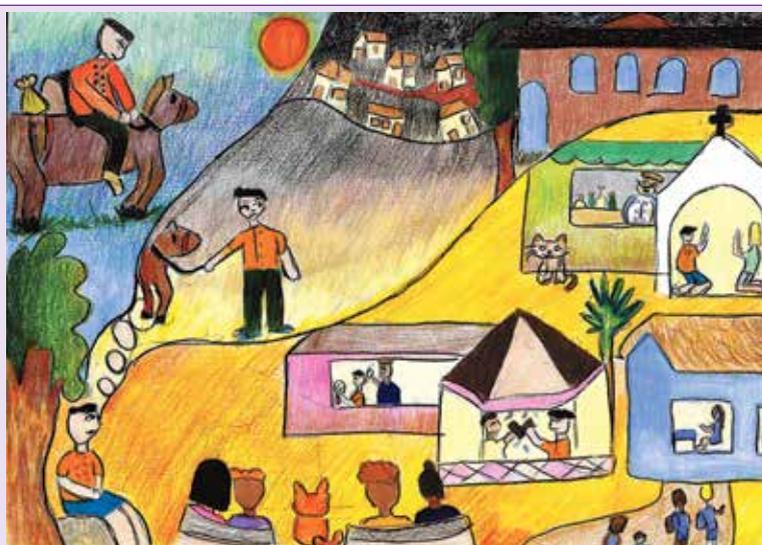
Até que um dia o sopro final, o último lhes carregue a entoar no espaço uma nova sinfonia onde se pensava que nada houvesse ou o gelo e um retalhar de culpas.

DESENHO (1º E 2º ANO)



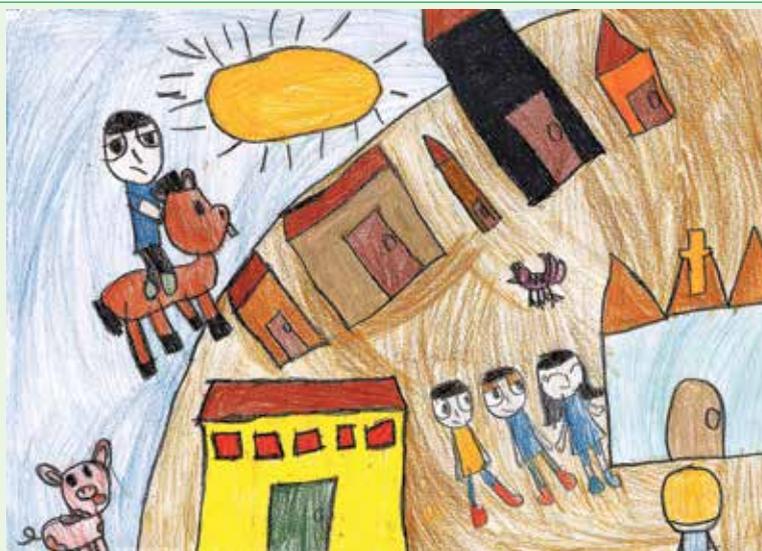
1º LUGAR - **Miguel da Silva Marques** - 2º ano
Emef "Professora Maria Eli da Silva Camargo"
Professora: Ione Takenouchi

DESENHO (3º, 4º E 5º ANO)



1º LUGAR - **Clara Lis Prestes de Paula** - 4º ano
Emef "Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Professora: Marisa Aparecida de Oliveira Fernandes

DESENHO



1º LUGAR - **Lucas Alexandre Ferreira de Almeida** - 5º ano
Emef "Professora Maria Eli da Silva Camargo"
Professora: Elis Regina Prestes Barbosa



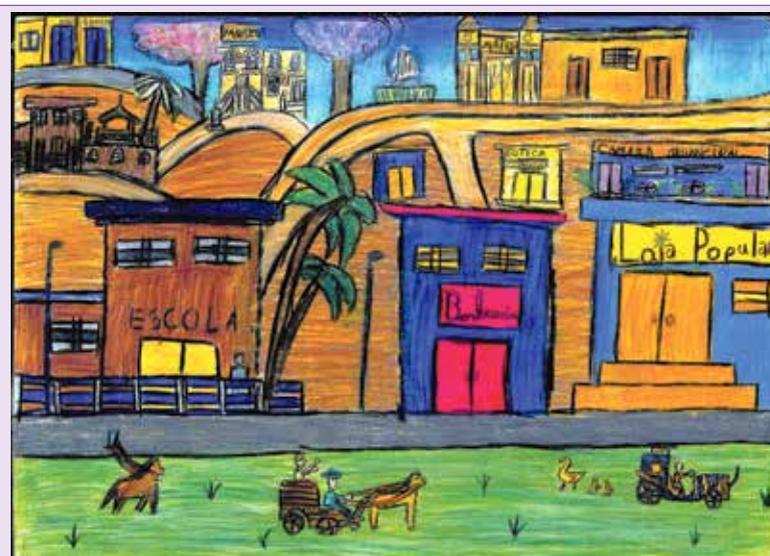
2º LUGAR - **Adrian Jorge Silva Marques** - 2º ano
Emef "Professora Lígia Vieira de Camargo Del Fiol"
Professora: Roseli da Silva Pereira



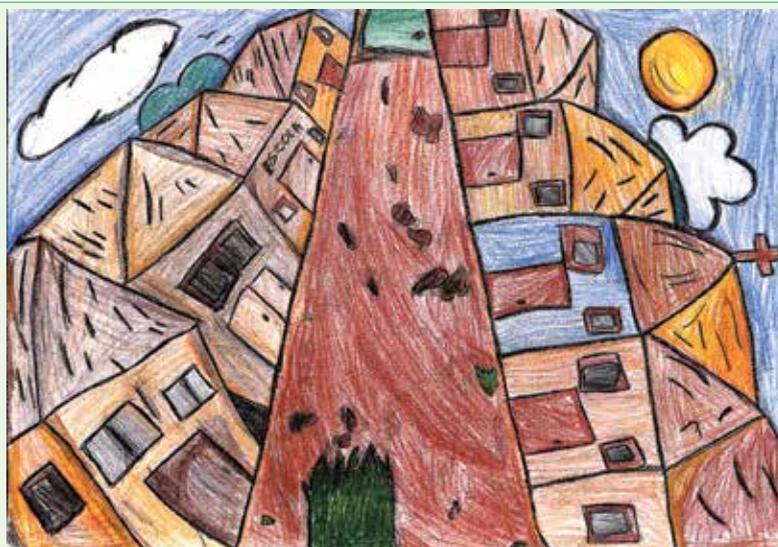
3º LUGAR - **Sarah Marques de Oliveira** - 2º ano
Emef "Professora Maria Eli da Silva Camargo"
Professora: Ione Takenouchi



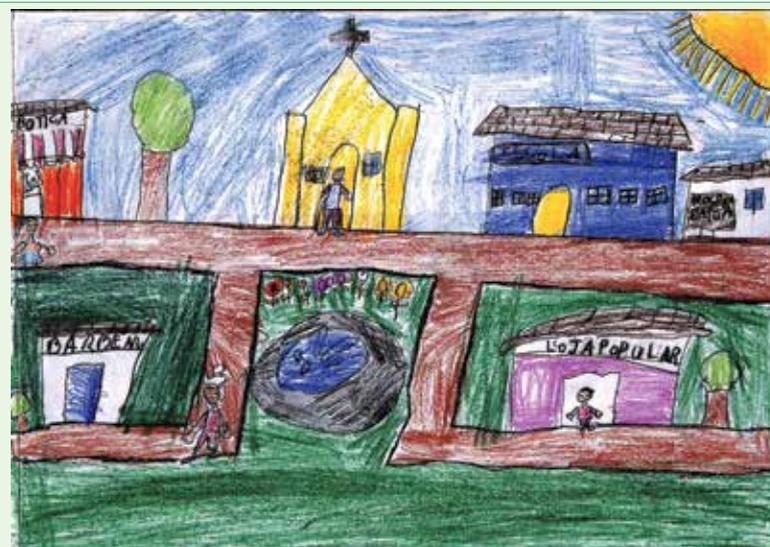
2º LUGAR - **Maria Eduarda Miranda Ferreira** - 4º ano
Emef "Professora Maria Eli da Silva Camargo"
Professora: Ione Takenouchi



3º LUGAR - **Antony Carvalho Testa Vieira** - 5º ano
Emef "Eugênio Santos"
Professora: Maria Elisa Kruze Machado Ribeiro



2º LUGAR - **Maria Eduarda Gomes De Souza** - 5º ano
Emef "Professor Luiz Paes de Almeida"
Professora: Ana Cláudia Cândido Silveira



3º LUGAR - **Pedro Henrique Nogueira dos Santos Alves** - 5º ano
Emef "Professora Magaly Azambuja de Toledo"
Professora: Adriana Correa Camargo

MODALIDADE POESIA

PRÊMIO GALARDÃO - **Maria Cristina Siqueira**

Tatuí, São Paulo (SP)

**“PALAVRAS DE FUNDO”**

Assombra-me um vazio no peito
 É noite, noite
 Brisa carícia
 De onde estou não vejo estrelas.
 Eu as sei, mas não as vejo.
 O perfume forte da dama da noite
 chega pelo ar.
 A realidade é opressora
 Lá fora não é aqui dentro
 Superlativo mundo pressiona o peito em não existência
 A normalidade roubou a essência humana
 Viver é ficção.

Na busca por si mesmo
 o homem perdeu a si e ao outro.
 Amor é palavra vaga.
 Não tem mais a ver
 com olhos mergulhados em olhos
 Bocas para o beijo nascido do desejo
 O encontro começa pelo olhar,
 o desejo completa-se na boca.

Não está na pauta dos tempos que correm
 o prazer de simplesmente estar.
 Perdeu a graça e o poder de encantar.
 Preenchida pelo silêncio
 ouço grilos e vejo luzes pirilampas.
 A onda do mundo pegou-me num arrastão.

Esta angústia que nem o sol espanta,
 dias de cura em doses homeopáticas,
 conversa com o Santo Anjo da Guarda,
 os pés à beira mar, redondilhas de ondas miúdas...

Sinto falta nem sei de que,
 se tenho tudo.
 A falta de reciprocidade
 Não sei se espero demais ou de menos,
 sei que não devo esperar.
 - Onde me situo?
 Creio que sinto mesmo é saudade sem endereço certo.
 - Onde está o futuro do passado?
 - O presente que mal se escreve, apaga?

Em tudo tem tanta beleza
 A natureza é harmônica.
 Vivemos anestesiados, estado de sono
 Entorpecidos pela alta velocidade que precipita os fatos
 Avoados perdendo coisas
 Devo guardar o essencial, a consciência.

Quando oro anjos preenchem-me
 Num instante, torno-me a leve menina

distraída na imaginação
 Ouço “Luar do Sertão”
 Tem pai e mãe,
 viola que chora acende meu coração
 o latãozinho de leite gordo
 o tropeço na pedra do caminho
 a fábula de Monteiro Lobato
 a barranca do rio
 o rachado da lama.
 Há seca
 ou
 o tempo chora convulsivamente.
 Inunda o espaço,
 alaga.

A saúde da terra no mato intocado
 A bulha dos passos mansos
 adentrando ao sagrado.
 Ali havia um rio
 Colhemos jaca e foi uma festa.
 Pena que tinha mutuca
 O Vale intocado, espraio o olhar
 atrás do Morro dos Segredos.

Quando cozinho medito.
 As ervas têm alma e perfumam,
 atijam o sabor.
 Vejo estrelas na água que ferve no fogão,
 varro sapos e lagartixas
 para fora, onde o quintal chama
 E o gato espera.

Não sou o que penso que sou.
 Escapo por um buraco no céu,
 fico tonta e danço,
 giro do dervixe.
 Entorpeço-me de espaço
 Crio para estar com Deus
 O ouço no céu e no mar.
 Assim o tempo acontece...
 A vida é só o que passa.

Queimo na lenha do corpo e alma
 A pequenez do meu ser
 E nada sou, livre no éter
 Nas linhas da mão o traço é luz.
 Ilumina o silêncio,
 clareia o mistério,
 trabalho a sombra
 E me refaço.
 Mesmo assim, estou em falso
 A menina que fui envelheceu.

LITERATURA (6º E 7º ANO)

1º LUGAR - **Rian Almeida Barros** - 7º ano
PEI “Barão de Suruí”
Professor(a): Winnie Elias Teófilo



“O QUE FOI A VILA E SEMPRE SERÁ A MINHA CIDADE”

Vivo em minha cidade, Tatuí uma cidade que acolhe com amor e afeto a todos os que aqui querem vir. Tornou-se a terra dos doces caseiros. Feitos com ternura. Também é a capital da música, presente em nossas vidas. É a cidade onde Paulo Setúbal nasceu.

Tatuí hoje é uma cidade maior do que “a vila” sobre a qual você escreveu há muitos e muitos anos atrás, meu caro amigo, Paulo. Sua vila se encontra no interior de São Paulo, assim também continua sendo a minha cidade, mas o que antes era uma “vilota rude” hoje é uma cidade de ternura. É uma cidade representada não mais pela tristeza, mas sim pela felicidade expressa através da arte e cultura.

Paulo, a vida simples continua a mesma, porém com muitas mais escolas. Eu mesmo estudei em três: Thomas Borges, Eugênio Santos e Lienette. E agora estudo na quarta escola, Barão de Suruí. Hoje temos muitos hotéis onde podemos “buscar um poiso para os nossos cansaços”. E sabe a antiga igreja? Ela virou basílica.

Amigo, seu nome foi tão importante que virou um museu, o Museu Histórico Paulo Setúbal. Seu galardão de

posse da Academia Brasileira de Letras está lá, junto à história de Tatuí.

Paulo, através de seus livros, somos convidados a conhecer a “terriola fúnebre e burguesa”, o que me permite mergulhar em um universo de detalhes e emoções. E hoje descrevo para você que minha cidade tem muitos encantos e é uma cidade colorida. Espero do fundo do meu coração que minha carta seja linda no futuro!

Que as memórias que tenho das ruínas da Fábrica São Martinho possam ser reformadas; elas sempre estão nos jornais, mas nunca têm melhorias. A Praça da Matriz tem festas, danças e música - ah você iria adorar, Paulo!

Enfim, escrevo para ti, Paulo, para que no futuro alguém leia a minha carta. Falo da vila que se transformou em minha cidade e é bem no largo da Matriz que fica a sempiterna, a clássica história da gente; você, Paulo Setúbal, eu, Rian Almeida Barros, e alguém que virá depois de nós.

Continuarei lendo suas obras e continuarei tendo como favorita a poesia “Só tu”, porque: “Dois lábios...”, “Dos abraços”, “Nem sei”.

2º LUGAR - **Maria Alice Pontes dos Santos** - 6º ano
Emef “Professora Eunice Pereira de Camargo”
Professora: Cleusa Elias Corrêa Fidêncio de Oliveira



“A MELHOR PÁGINA DA MINHA VIDA”

Em busca de recuperação
E sem nenhuma expectativa
Essa terra fui conhecer
E minha primeira impressão
Não foi nada animadora
Achei que fosse morrer!

No entanto, ao passar dos dias
Nesse lugar ermo, sem graça
Longe da minha terra natal
Apreensivo e sem saúde
Apesar de ter padecido
Não foi de todo tão mal!

Era, sim, à primeira avista
Uma simples vilota rude
Com seus estabelecimentos essenciais
Confrontando com minha situação
Meus pedaços agoniantes
Minhas crises existenciais

Mas não demorou tanto tempo
Inverteu-se a situação
Esqueci-me dos problemas
Comecei a trabalhar
Ganhei fama, muita fama
E dinheiro de montão!

E foi assim nesse ritmo
Entre dores e alegrias
Importantes no processo
Que brotava o escritor
Inspirado, e ainda sem noção
Do tamanho do sucesso!

3º LUGAR - **Gabriel Ludgero Silveira Roberto** - 6º ano
Escola “Ayrton Senna da Silva”
Professora: Cristiane Villanueva Rodrigues



“A VILA SEMPRE EM MEUS SONHOS”

Na vila simples, de gente boa e acolhedora.
O sorriso é sincero, a amizade é verdadeira.
Nas ruas de terra o tempo passa devagar,
e a humildade sempre está a brilhar.
A senhora na janela acena com carinho, o menino corre livre, sem pressa nem caminho.
A vida ali é simples, mas cheia de calor e o coração da vila bate forte de amor.
É um lugar de paz, onde a alma encontra abrigo,
onde a simplicidade é o maior tesouro.
E assim segue a vida, nesse cantinho do mundo,
onde a bondade floresce a cada dia.

LITERATURA (8º E 9º ANO)

1º LUGAR - **Vinicius Della Terra Ramos Rodrigues** - 9º ano
Colégio Anglo de Tatuí
Professora: Mariana Fogaça Calviño

**“MINHA AMADA VILA TATUIANA”**

Lembro-me bem da vista da vilota que visitei
A estadia que mais odiei
Cheguei lá com meu amor e ternura
E voltei com uma grande amargura
Na qual o sofrimento era a tortura.

E em meio aquele caos sentimental
Encontrei uma mulher tão especial
Da qual fazia meu coração se sentir surreal
Com aquele tum-tum anormal.

Lembro-me bem de quando nos encontramos
Naquela igreja onde nos apaixonamos
Onde, bobo, ouvia as rezas
E a senhorita passou na minha frente às pressas.

E, depois disto, a mais bela das minhas aventuras começou,
Onde apenas o amor pulsou...

Lembro-me das tardes nos campos,
Onde ficávamos conversando
Sobre assuntos tão profanos
E andando entrelaçados, tão enamorados,
parecíamos até casados.

Lembro-me na advocacia, quando estava todo cansado
E a senhorita veio me dar um beijo tão adocicado,
Um dos melhores que já me tiveram dado
Naquele nosso amor tão apaixonado.

Mas, como nem tudo na vida são flores
Lembro-me, bem, de um dos nossos maiores temores
Aquela que foi uma das nossas maiores dores.

Enquanto estávamos apaixonados
Todos os homens e as mulheres da vila
Encontravam-se espantados
Olhando para nós, com tanto descaso,
Ficávamos até sem graça, nesse caso.

Na frente daquela escola, não se cansavam de comentar...
sobre esse assunto que se tornava tão popular.

Mas, o que nos fazia realmente reclamar
Era o padre não aceitar
Nossa relação, de forma tão vulgar
Dizia que iria até rezar
para essa nossa união logo se acabar.

Porém, não ligávamos para tais comentários,
Afinal, para nós, eles todos eram uns otários!

Ah... Nosso amor foi o melhor momento da minha vida!
Pela primeira vez, pude vê-la de forma tão colorida
Esta estava muito mais atrativa e divertida.
Minha alma se sentia toda aquecida.

Porém, isso se desfez rapidamente,
E logo me vi descontente.
A sua partida foi uma ferida
marcada em meu coração.
Aquela despedida me fez cair em plena desilusão.
Porque, para mim, tinha acabado a nossa relação.

Cada segundo que passava
Era um sofrimento, sem fim.
Em cada canto chorava
Pois não queria guardar aquilo dentro de mim.

Oh... agora, aquela saudade bateu!
Dos momentos em que só éramos você e eu
Naquele nosso amor que se perdeu...

Lembranças ficam de nossos momentos
Passeando pelos campos e coretos
Onde eu sentia por ti um grande encantamento
através de diversos sentimentos.

De tanto sobre isto pensar,
Creio que o melhor, no momento, seja voltar
Para, em minha grande metrópole, descansar.

Adeus, terreola fúnebre e sertaneja!
Onde conheci minha amada princesa.
Espero um dia poder reencontrá-la.
Para que eu possa de novo amá-la.
Nessa pequena vilota profana.
Minha amada vila tatuiana!

LITERATURA (8º E 9º ANO)

2º LUGAR - **João Gabriel Antônio** - 9º ano
EE PEI “Professor Ary de Almeida Sinisgalli”
Professora: Cristiane Silva dos Santos



“MEMÓRIAS DE UM LITERATO”

Me lembro um tanto quanto saudosos de minha infância, quando comecei a me interessar pelas letras, pelas aventuras que eu podia vivenciar apenas utilizando a imaginação durante uma leitura e outra. Lá, naquele mundo só meu, conseguia abstrair-me dos problemas, vencer obstáculos e ser um Dom Quixote em plena batalha contra os moinhos de vento.

- Senhor Paulo, senhor Paulo! Tudo bem?! O senhor precisará ainda dos meus serviços? -- perguntava-me Léia, tentando resgatar-me de um dos devaneios.

- Está tudo bem, Léia. Você pode ir, vou revisar ainda alguns esboços e em seguida me recolherei também. Tenha uma ótima noite.

Enfim, o silêncio voltava a reinar, os papéis espalhados, pela escrivãzinha, eu os observava na esperança de encontrar neles a solução para o meu embate, apresentar uma nova história à editora, e com isso meus dias resumiam-se em passar horas a fio sentado em meu escritório.

Vou até a janela buscando encher os pulmões com um ar novo, eles já não são mais os mesmos depois de terem sido desgastados por aquela doença. Abro abruptamente as cortinas, uma brisa leve e úmida vem de encontro ao meu rosto e só assim me dou conta de que a noite há tempos já se fazia presente, pois no céu a lua mostrava-se alta e plena. Direciono o olhar para a rua, nada em específico me chama a atenção, mas de repente me vejo voltando no tempo, especificamente, há três anos atrás, em minha cidade natal.

Eu retornava a Tatuí na tentativa de que os ares interioranos me curassem do mal que atingira os pulmões.

Era então uma manhã comum do mês de abril quando o trem parou na estação, a mesma que há tempos atrás me levaria rumo aos meus sonhos na Capital. Tudo o que conquistara até aquele momento em minha vida, havia germinado ali, no chão de terra vermelha que meus pés quando criança pisaram. Peguei minha bagagem, esta resumia-se a uma única bolsa de mão, contendo algumas trocas de roupa e os utensílios básicos para cumprir o asseio diário, acreditava que minha estadia ali não se prolongaria mais do que

uma semana, na verdade, após receber o diagnóstico do mal que me afligia, já tinha o retorno à terra natal como uma forma de despedida.

Escolhi caminhar em busca de uma local para me instalar. Pelo caminho, lugares tão familiares, a escola em que aprendi as primeiras lições e na qual tive o privilégio de conhecer meu querido mestre, Senhor Chico Pereira, o homem mais rico de minha terra, ele ostentava a sabedoria de um verdadeiro sábio, propagava valores que nem todo o dinheiro do mundo seria capaz de comprar, bendigo até hoje os conselhos que ele dera à mamãe para enviar-me à Capital e dar-me as condições necessárias para ser o homem que sou hoje em dia. Outros lugares eram totalmente desconhecidos por mim, alegria de um povo humilde e esperançoso.

Cheguei à hospedaria, era um local simples já no centro da cidade. Solicitei um quarto, o rapaz que atendia a recepção não demonstrava muito entusiasmo, mas ainda assim me entregou a chave e com menos de quarenta palavras balbuciou as informações que julgavam ser importantes a um novo hóspede:

- As refeições são servidas sempre no mesmo horário, há toalhas extras no armário e a chave deverá ser entregue na recepção sempre que se retirar do local. Tenha uma ótima estadia.

Apanhei a chave e não achei prudente de minha parte estabelecer um diálogo mais estreito com o jovem, segui pelo corredor indicado, encontrei o quarto e entrei. O aposento era composto por uma cama razoavelmente macia, as roupas de cama, bem como as cortinas não faziam nenhuma alusão a tudo o que eu havia deixado lá na Capital. De fato, a necessidade que eu tinha de ver e reviver, talvez pela última vez, a terra de onde vim, perpassava todo e qualquer luxo.

Naquele dia passei horas me recompondo da viagem feita, ao cair da tarde, já era comum me sentir mais debilitado, o cansaço, um estado febril às vezes me colocava na cama antes mesmo da noite chegar, os remédios prescritos pelo doutor eram quase que um paliativo, havia dias bons e outros nem tanto. Adormeci, ao

acordar constatei que em meu relógio já se passara um pouco mais da seis da tarde, então me levantei, fiz toda a minha rotina de banho e desci para comer algo.

O cheiro que vinha da cozinha era realmente inebriante, era um aroma familiar, por um instante era como se eu estivesse ali ao pé de minha mãe à beira do fogão de casa. Há tempos que não tinha uma refeição tão saborosa e não digo isso desvalorizando os primorosos pratos feitos por Léia, ela também me proporcionava ótimas experiências gastronômicas.

Decidi caminhar um pouco pelas redondezas a fim de encontrar feições conhecidas, após três ou quatro passos já era possível estar à frente da capelinha do Senhor dos Passos, minha mãe, devota fervorosa que era pedira por minha proteção inúmeras vezes, ali ajoelhada aos pés da santa. E à medida que percorria as ruas, me deparava com um passado que pensava ter esquecido e que, no entanto, estava ali, apenas adormecido.

A menos de duas quadras de hospedaria ficava a Câmara, logo em frente a barbearia, em meu tempo de criança, não compreendia os motivos que levavam os homens a terem coragem de colocarem suas gargantas na mira da navalha de Seu Antônio, hoje, entendo que o lugar também servia de encontro dos amigos que necessitam fugir dos compromissos da vida à base de muitos charutos e discussões sobre futebol e política.

Pensei em continuar o passeio, mas já me sentia fatigado, então retornei à hospedaria.

Naquela noite dormi tão bem como há tempos não ocorria, apenas o tic-tac do meu relógio de bolso recostado à mesinha embalava meus sonhos.

Acordei cedo, fiz meu desjejum e sai. Repassei pelos caminhos da noite anterior, agora mais atento às suas particularidades, a cidade realmente já não era aquela de outrora, mas as conversas matinais ainda eram o que movimentavam as primeiras horas do dia. Com passos vagarosos, cheguei até a frente do estabelecimento do velho Lopes, um letreiro colossal preenchia a fachada do prédio “Loja Popular”, de tudo se encontrava ali, de utensílios

LITERATURA (EJA)

1º LUGAR - **Viviana Aparecida Oliveira Carvalho** - 6º ano
Emef "João Florêncio"
Professora: Neli Benedita Pereira Santos

"TATUÍNA E TUBAÍNA"

Os mais velhos é que contam, histórias que a muitos encantam,
Falando das Tatuínas e Tubaínas com muita elegância,
As casadinhas Tatuína e Tubaína, são sabores que conversam,
Lembrando daminha infância, cheia de exuberância.

O jeito de bem receber, o trabalho dos operários,
Garrafas correm na esteira, com total destreza,
Vestidas com flores e muitas cores, e muita delicadeza,
Tudo isso para chegar a sua mesa.

Para alegria da festa, rótulos que se revestem,
Estão todos a esperar com modesta, sem que manifestem,
Os sabores mais elencados, e também patenteados,
No lugar esperado, com significado!

3º LUGAR - **Ruan Cesar Camargo Morais Silva** - 1º ano
PEI "Chico Pereira"
Professora: Aparecida Ferreira de Almeida

"TATUÍ E SUAS VILAS"

Nas vilas de Tatuí, vilas simplese serenas,
Entre quintais floridos a beleza resplandece.
Em cada rua um pedaço de história se revela,
Onde o tempo parece parar numa paz singela.

Nas vilas, o calor humano se fez presente
Em laços de vizinhanças, fortes e envolventes
Crianças brincam livres pelas ruas estreitas,
Enquanto os mais velhos contam histórias perfeitas.

Entre casas antigas e paredes de memórias,
Guardiãs de tradições de uma bela história.
Nas vilas de Tatuí a simplicidade é riqueza,
Onde o tempo desdobra-se em calma e beleza.

Que as vilas de Tatuí com seu jeito acolhedor
Continuem a inspirar amor e fervor.
Que cada lar seja um pedaço de poesia,
Nas ruas tranquilas dessa doce utopia.

2º LUGAR - **Daniele Gonçalves de Souza** - 9º ano
Emef "João Florêncio"
Professora: Carmelina Holtz

"LÁ NA ANTIGA FÁBRICA"

Ao fechar meus olhos, me transporto
para lá, Fábrica São Martinho. Foi lá que
vivi minhas primeiras aventuras.

Sim, aventuras!

Aquela fábrica "abandonada", é assim
por mim chamada: Fábrica de aventuras!

Foi lá que aprendi a desvendar o passado
da minha cidade. Conheci de perto os
"fantasmas" que pairavam nas histórias
contadas pelos mais velhos da rua. Eles
costumavam sentar ao nosso meio (quan-
do viam as crianças sentadas à noite na
calçada) para nos contar sobre como era
em seu tempo trabalhar. Contavam com
elegância, como as máquinas de tecidos
trabalhavam com exuberância.

E nós passávamos horas imaginando o
trabalho daquelas máquinas funcionando.

Aquelas histórias nos faziam adentrar à
fábrica para descobrir seus segredos. Lá,
ainda havia as máquinas antigas. Com sua
antiga mobília. Até achamos uma caixa de
dinheiro um dia...

Ah! aquele dia... Foi fantástico!

Pensamos estar finalmente ricos, mas
havia apenas uns cruzados e alguns papéis
com rabiscos.

Logo na entrada, havia também um
pé de goiaba. Debaixo dele passávamos
horas conversando, e daquelas conversas,
histórias sobre a fábrica iam se criando.

Uma daquelas histórias era sobre o "Ca-
sarão dos Guedes". Os mais velhos nos
diziam que ali sim era mal-assombrado.
Olhávamos pelas rachaduras das paredes e
ficávamos espantados, na esperança de um
fantasma ver. Têm uns que falam terem
visto, outros, que os fantasmas até já os
colocaram para correr. Não sei, não! Essas
histórias... Mas, não deixo de acreditar.

Minha mãe fala que nunca saberemos
como é o mundo do lado de lá.

Na rua São Martinho, as casas eram
todas amarelas e havia crianças em todas
elas. Brincávamos o dia todo, correndo
por aquelas ruas paralelas. Tínhamos um
"chamado". Era um assovio, se ouvíssemos
esse assovio, logo entendíamos que era
hora de sair para brincar. Imitávamos o
cantar do pássaro Bem-te-vi, era o que
mais sobrevoava por ali.

Havia árvores "gigantescas", e quantos

pássaros vivam nelas! Tinha João-de-barro,
coruja, papagaios e muitos Quero-quero.
Elas nos ensinavam sobre as estações do
ano. Quando não havia mais folhas era o
inverno chegando. Quando começavam a
florescer, sabíamos que a primavera esta-
va para acontecer. As estações que mais
gostávamos eram a primavera e o verão.

Ali tinha também um campo de futebol,
feito pelos trabalhadores da fábrica, que
levou o nome de São Martinho Esporte
Clube. Na primavera, esse campo ficava
todo florido com pequenas flores amarelas
no chão. O lado ruim era que o pólen dessas
flores atraía muitas abelhas.

No verão ocorriam aquelas chuvas fortes
e passageiras. Ah! Como eu adorava! O
campo todo ficava todo molhado, cheio
de poças d'água. Ali brincávamos, e nossas
mães com varas de marmelo esperavam.

Às vezes íamos até à praça Concha Acús-
tica brincar, de todas as brincadeiras que
se pode imaginar. Os shows do dia 11 de
Agosto aconteciam nessa praça.

Amávamos! Sempre tinha comida e
bebida de graça.

Na rua São Martinho ainda vivem pessoas
maravilhosas. A Dona Genessi é uma delas.
E, me recordo bem, ela tem muitos filhos.
E sempre estava lá para brincar. Até um
apelido me deu: "Tutu de Marambá"...

Na antiga fábrica fiz meu lar. Durante
anos aquela fábrica ajudou minha mãe
me criar.

Nunca entendi por que ela tinha aquela
pintura tão triste, hoje entendo completa-
mente... O abandono que se fez presente.

Sinto falta das badaladas do sino daquela
fábrica que tocava três vezes ao dia, na
hora marcada.

Muito cedo foi minha partida quando
me mudei daquela pequena "Vila". Por lá
ainda vivem minhas melhores lembranças,
amores, amigos e minha infância.

Espero que ela continue sempre lá,
porque se um dia ela se for, com ela irá
também um pouco da minha vida. En-
quanto lá ela estiver viva, sempre que
por lá passar, para meus filhos irei contar
da minha infância.

Ah! Minha infância.... Quantas histórias
ainda tenho para contar!

LITERATURA

1º LUGAR - André De Oliveira Rosário - 3º ano

Colégio Genesis

Professora: Máisa Roberta de Oliveira Santos



“A ÚLTIMA LIÇÃO DE SANTO CHICO”

Foi-lhe permitido o acesso a este plano. Evidentemente, tal circunstância é a poucos concedida por ter caráter, digamos... ambíguo. No ansiado paraíso, dar asas ao desejo é criar céu para o sofrimento (nada diferente daqui), já que se torna ao antigo terreno. Por mais lúcido à vida que fosse enquanto no terreno estivera, Paulo Setúbal queria, no entanto, vê-lo novamente, para ter uma perspectiva diferente da que teve em vida. E não qualquer terreno, mas, especificamente, aquele que o levava a sensação mais próxima de como era, naquele momento, ali no céu estar. Assim, pela interseção de Santo Chico, Paulo vem novamente a Terra em espírito. O destino era muito claro: sua amada Tatuí.

Não lhe interessavam as conturbações das capitais, nem os cantos incautos da Terra, talvez - e somente um pouco - seus refúgios dos tempos em que seu pulmão, um pouco fraco, lhe fazia se recolher em si mesmo. Mas nesses momentos, momentos de doença, seu pensamento o levava a seu único refúgio existente de maneira física e palpável: lhe levava ao único lugar que o faria ao terreno retornar. Ao terreno retornar... seria um dos poucos que poderia afirmar tal, já que retorno é uma das formas como podemos chamar a morte. Todavia, retorna à Terra.

Parecia um parto, parto cuja única mãe presente e intermediadora era a Terra. Repetia o crime de nascer, sentia os pulmões gritarem por ar, pulsavam as válvulas do coração seu sangue para todo o limiar de sua pele. Não, não era visto por ninguém, não havia corpo ou matéria propriamente ditos. Havia somente o necessário para que ele pudesse apreciar o seu entorno. Contra as pálpebras relutantemente, controla com esforço inútil um choro infantil, e então, com os olhos umedecidos, com lágrimas de orvalho, abre-os, permitindo entrar os primeiros e opacos raios solares de aurora daquela manhã.

Percebe-se em uma capela, sentado em um dos pequenos bancos. Como um recém-nascido, observa assustado, com extrema atenção, tudo ao seu redor. Delongasse o olhar sob o alto altar, os dois vitrais estreitos à esquerda, as imagens de anjos e querubins, os ladrilhos que recobrem

o chão, as pinturas que preenchem cada parede e o teto. Olha para trás e, além do portão de ferro trançado, percebe-se num ambiente maior. Percorre calmamente toda a larga igreja, que possui insígnias de basílica. Estranha, como estranha a familiaridade que ela lhe inspira. Seria o único assombro positivo que teria ao longo daquele dia.

Tem suas suspeitas de onde esteja. Ao sair da igreja, ignora todo o restante para poder ver sua fachada. Sim, de fato é ela, a Matriz de Tatuí! Bem, possui algumas diferenças, está levemente mais simplificada. Tornara-se basílica... Finalmente observa o largo da Matriz. Não pode ser. O quê? Como poderia haver mudado tanto? Onde está a clássica botica? Onde estão os velhos casarões? E os bons lampiões a gás? Tudo virava aquilo, esse amontoado de comércio de prédios brutos e carros monstruosos, com postes cujos fios não tinham fim, como barulho. Os carros.. como conseguiram se tornar ainda mais atordoantes! Mal sentia o ar que outrora o fazia suspirar por ter o prazer de respirar. Não reconhecia onde estava e, pior, não se reconhecia naquele lugar que foi o único motivo de fazê-lo ao terreno retornar.

Mal ali estava e já sentia o caráter dúbio de sua dita dádiva de ao terreno retornar. Corre para o interior da igreja, com o peito cheio de angústia e as pernas trêmulas com os poucos passos que dera. Ajoelha-se perante o altar, logo, ajoelha-se, perante Deus e perante Santo Chico. Pergunta o porquê daquilo, queixa que sem advertimento algum lhe permitiram ali estar, descreve inflamadamente o quanto lhe afligia ver tudo desfigurado pelo tempo. Sabia muito bem que o tempo a tudo modifica e a tudo dá começo e fim. Todo nascimento implica em morte. Mas não para Tatuí, não para a boca de sertão em que nascera, não para o lugar que tanto amara pela singeleza contida em tudo o que via. Que a destruição fique contida às capitais e aos rincões do mundo! Ali o hegemônico império do tempo não haveria de acrescentar fronteira.

Prece sem resposta. Nada ouvia. O silêncio lhe ensurdecia. O silêncio da imensidão do firmamento contido entre a terra e o céu, do qual nos habituamos

tratando com fanática indiferença para não nos percebemos como muito menores do que podemos pensar que somos. Perguntas, queixas e cólera sem resposta. Chico Pereira queria ensinar uma última lição a Paulo Setúbal, uma que ele não poderia ter aprendido no Largo de São Francisco. Paulo entenderia que o tempo é um tribunal em que recorrer é praticamente impossível e a absolvição, muitas vezes, só pode ser concedida ao réu por si mesmo.

Desconsolado, caminha para fora da igreja, tanto tentando suportar seu desgosto. Nada, nada encontra além da igreja, nada como outrora conhecera. Nem as praças são as mesmas, uma que seja. Não há mais o Theatro São Martinho, nem o inacabado Theatrão, nem os velhos empórios. No máximo um resquício de um casarão ou outro, bravamente resistindo ao malfalado tempo. Sorriu em meio à dor por ver a fábrica dos irmãos Campos intacta! Vê-se em ilusão ao perceber que fábrica já não era, que dela só restara fachada. Percorre a Onze de Agosto, que possui sinal algum da casa em que nascera. Lembra-se da Fábrica São Martinho, imaginando que ao menos a fortuna dos Guedes teria conseguido resistir à ação do tempo. Talvez só o malfadado dinheiro haveria de surtir efeito no terreno. Não, nem isso! Ruínas, desgraçadas ruínas! Tudo à mercê da degradação e esquecimento.

Andando pesarosamente pelas ruas que ele um dia conhecera como a vila operária da Fábrica São Martinho, atrai-lhe o olhar a um senhor que caminha com cansaço. Com uma sacola na mão, apoia-se com firmeza em sua bengala, sempre com o corpo inclinado para frente, apressado a entrar numa desbotada casinhola amarela, de uma porta e duas janelas com descascado azul. É uma ruína encantadora... se impressiona por alguém habitá-la. Acompanha o velho para além da entrada, deparando-se com uma pequena sala e logo em seguida, uma cozinha onde uma senhora baixa e de cabelos cacheados serve o almoço.

O prato era mingau de milho-verde, acompanhado de arroz e frango caipira (o limão rosa é, evidentemente, indispensável). A aparência vívida daquela comida que exalava um aroma divino fez Paulo respirar profundamente para poder

melhor apreciá-la, dentro das limitações impostas pela falta de um estado corpóreo de fato. Uma plenitude de calma começou a tomar-lhe conta, de instante em instante, seja ao observar melhor as roupas simples e gastas dos dois idosos à sua frente, seja ao perceber com ingênua alegria os detalhes da casa, os mais simples, postos com o máximo de cautela, desde as toalhinhas de renda aos vasos de flores de tons amenos.

Terminado sossegadamente o almoço, a anciã se põe a relembrar uma das suas inúmeras memórias de infância. Conta, com súbita voz altiva e postura ereta, como se desenvolvia um dia cujo almoço fosse mingau de milho-verde. Um ritual: ela, junto de seus incontáveis irmãos e irmãs colhiam o milho no vasto milharal do sítio de seus avós, trazendo todas aquelas espigas, já descascadas e sem os “cabelos”, para dentro de casa, enquanto seu pai escolhia uma galinha para abater. Sua mãe, ao receber toda a matéria-prima, fazia a mágica. Em poucos instantes, tudo já exalava um aroma que dona Nirce jamais dissociaria como sinônimo de um bom mingau. De certo modo, ao ouvir-se contando aquela história, se encanta por se lembrar do passado sem titubear, enquanto que do presente pouco recorda. É seu refúgio, sua Tatuí, a dos sítios e mingaus de milho-verde. E também do bolo de milho, que o casal de velhos se põe a fazer, sem pestanejar.

Paulo não entende muito bem o porquê tudo aquilo o impressiona profundamente. Pensa demasiadamente, pensa à exaustão, mas não encontra explicação para essa sensação crescente de ter encontrado um tesouro naquela casinhola de uma porta e duas janelas. Segue sua caminhada, deparando-se com o prédio dos antigos cadeia e fórum da cidade. Está bem conservado, menos mal. Mas... só pode ser piada! Vê escrita em letreiro acima do pórtico: “Museu Paulo Setúbal”. Deve de ser outro Setúbal, talvez até descendente seu, de certo, que dava nome ao museu. Em seu tempo era escritor conhecido e laureado, como jornalista e advogado idem, mas não para tanto... não conseguia acreditar, não poderia acreditar.

LITERATURA

>

Entra no edifício, e após passar um corredor, para de estampido. Boquiaberto, com os olhos quase cerrados, força a vista ao ver o fardão que vestiu em sua cerimônia de posse à cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras como Imortal (vira que o título surtiu efeito, ao menos até aquele momento). O tempo ali mostra seus efeitos, assim como sobre outros objetos seus, cuidadosamente expostos. E mais do que seus objetos, seus versos... Ah, que maravilhamento ver suas palavras de coisas tão simples postas como as de epopeias. As epopeias das vidas mundanas, de caboclos e matas, estes quase que como um só, em força e existência.

Todo o esforço posto em entender o que o atraía a ver o mundo concebido dentro da casinhola ali se contemplava. O porquê de ter-se lhe permitido ao terreno retornar. A lição de Chico Pereira que só ali entendera, naquela circunstância. Paulo finalmente percebe o gigantismo de sua obra, percebe que a singeleza que retrata não está contida em praças, casarões ou fábricas, mas na gente que as habita e dá vida. As coisas assim têm de ser: toda morte implica em nascimento. E tudo aquilo, aquela vilota rude que era Tatuí, tinha de dar lugar à nova vida. Na verdade, quando viu o casal de idosos, percebe que muito ainda tinha da sua Tatuí. Por mais que não mais havia a velha botica, ainda sim os comerciantes continuarão a ser comerciantes. Ainda se perpetuarão as epopeias das vidas simples. Porque se há algo que se pode almejar o sempiterno, o imortal e eterno, é a memória. Memória que sai das letras e adentra a música da fala, das fábulas e histórias.

Com o espírito espraiando-se em repouso nos versos da Tatuí que sempre existirá, Paulo sente que deve ao céu voltar. No ocaso daquele dia, torna à capela da Basílica de Tatuí, de onde Santo Chico o chama: “Hora de voltar, seu Paulo.” “Sim, professor. Veja são cinco horas. principiemos a leitura”. Alçando-se em espírito, torna ao derradeiro lar, abrindo a velha Bíblia, lendo-a junto de seu eterno professor.

2º LUGAR - João Henrique Takeshi Takahashi - 2º ano

Colégio Genesis

Professora: Máisa Roberta de Oliveira Santos



“CIDADE DE PAULO”

Ah! Tatuí! Cidade da Música,
Rincão d’Estado e fortuna d’outros.
A quantos vós deixastes uma boa lírica
Para poemas fazer com grandes parâmetros
E com própria característica?
Como fazeis qualquer cidade de seus diâmetros
Dependerem de sua ética e política?

Sem mais consolo, ó Terra de Paulo Setúbal,
De Chiquinha Rodrigues e de Chico Pereira!
Vós ainda inexístis à época de Pombal;
Gente de divina cultura e de graciosa honra!
Terra de bom algodão, doce e jaboticabal,
Terra dos têxteis e de gente caipira!

Não fazem jus a vós, querida cidade!
Já fostes vós de grande importância
Ao dar passagem aos tropeiros que vinham de
Locais do Sul a ir, com diligência,
A Minas Gerais para, com necessidade,
Tomarem-se d’ouro com a consequência
De ficarmos ricos e terem felicidade.

A vossa antiga Igreja da Matriz, terriola,
É agora Basílica Menor!
O brio desse Templo e a beleza bela
São de tamanho honor!
Não possui mácula, não possui mácula!

Adeus, botica... Adeus, Loja Popular...
Ó, velho Lopes, já se foste...
Ó, velho Chico, já se foste...
Ó, velha Chiquinha, já se foste...
Ó, velho Paulo, já se foste...
Ó, meu Deus, sei que todos estão em Teu Lar!

Essas ruas que já foram uma vez de terra,
Tornaram-se paralelepípedos culturais
E hoje é de asfalto com gambiarra,

E se assim são hoje, como serão depois?
Mas ao 11 d’agosto, a brilhante fanfarra
Pode perfazer-se; mas cancelar, jamais!
Pois se lhe for dado ouro, incenso e mirra
Ah, meus caros, ficará excelente demais!
Os doces de “ABC” são divinamente gostosos!
Ó, deuses do Olímpio, venham se deliciar!
Se este rico doce faz tanto sucesso,
Quero vê-lo o seu posto renunciar.
Afinal, das mais profundas classes do senso
Fizeram-se e, hoje, todos devem experienciar
Tal maravilha, que jamais outro doce, tal colosso
Quererá essa história denunciar.

Ó diviníssimo Paulo Setúbal, és tu da lírica
E do jornal e da advocacia e da narrativa
O mais sensacional desta prática!
É também d’enorme expectativa
Qu’esta aldeota seja palco de crônica
E de autonomia imperativa
Para ser lembrada na nossa res publica.

O senhor levou Tatuí do nada
Ao conhecimento de todos
Trazendo-nos uma luminosa alvorada
E de ínfima fama saberes fúlgidos.
Mas não temos ação imaculada,
Tampouco atos acometidos,
Originados de qualquer cilada.

Da antiga terreola, agora é cidade.
Fez-vos sua gente varonil e feminil.
Ó Tatuí, vós vos fizestes grande!
Vosso céu azul noturno cor anil
Vosso céu diurno cor azul de plenitude.

Tudo começa, tudo continua e tudo termina
não vos entristeçais, querida Tatuí! Vós iluminais tudo
com uma voz divina e soberana!



Paulo Setúbal

“... era amante de sua terra e que só pelo seu valor galgou todos os planos da glória literária, até a culminância da Academia Brasileira de Letras.”

Manuel Augusto Vieira Neto
- citação do livro “Paulo Setúbal -
O Bom Tatuiano”, 1983

